

Anotações sobre Hegel

Álvaro Vieira Pinto

Sem data (facsímile de 1961)

facsímile feitos em 1961, pela Profa. Betty Oliveira, dos próprios originais do autor

para uso exclusivo em pesquisa, em uso não comercial

Rede de Estudos Álvaro Vieira Pinto

www.alvarovieirapinto.org

versão 1 - março 15 2019 16:30

O facsímile destes manuscritos de Álvaro Vieira Pinto e sua digitalização pertencem ao arquivo pessoal da Profa. Betty Oliveira, que gentilmente os digitalizou e disponibilizou para pesquisa sem fins comerciais por integrantes da Rede de Estudos Álvaro Vieira Pinto e outras pessoas interessadas. A cópia dos originais foi realizada em 1961, quando a Profa. Betty teve aulas com Vieira Pinto, portanto estes documentos são de data anterior. O documento inclui alguns documentos esparsos, uma introdução e 17 seções sobre Hegel.

Esta cópia facsímile é para uso exclusivo em pesquisa, sem fins comerciais. Trabalhos que utilizem devem necessariamente a fonte. Os direitos autorais sobre a obra pertencem ao espólio de Álvaro Vieira Pinto, e requerem autorização para uso não comercial.

O pensamento racional de tipo filosófico existe aproximadamente há vinte e seis séculos, na tradição ocidental. Para os historiadores da filosofia, e para os filósofos de um modo geral, esse período de tempo equivale a etapa mais importante e significativa da existência do homem, enquanto ser racional. Supõe-se como que uma discontinuidade radical entre os tateios da inteligência, que precederam a instauração do saber filosófico, e o advenimento da plena razão, em etapa posterior. Todo o longo percurso que o homem esteve obrigado a percorrer até a conquista do nível teórico implícito na lógica do Aristóteles, por exemplo, é reduzido a proporções insignificantes. Por outro lado, o pensamento filosófico transforma-se em referencial absoluto, como se a marcha da humanidade se tivesse feito apenas com a finalidade de conduzir o homem à aquisição desse saber especial e definitivo. O saber filosófico, efetivamente, seria a forma mais elevada de concepção da realidade nos limites da inteligência humana. Em consequência, a razão humana não teria propriamente uma história, mas apenas pré-história.

Ora, a verdade é que os vinte e seis séculos de filosofia não representam mais do que cerca de meio por cento do total de história humana conhecida. Os registros arqueológicos assinalam que pelo menos há 500 000 anos transsitam sobre o planeta seres capazes de produzir instrumentos e usá-los inteligentemente. É tão velha quanto o uso de utensílios parece ser a linguagem, técnica de comunicação que implica, por mais concreta que seja, extraordinária capacidade de abstração, relativamente aos animais inferiores. A história da razão se perde, portanto, em remotíssimas épocas, nas quais o homem não havia ainda sequer terminado sua evolução biológica, isto é, sua história natural.

Na realidade, a história humana tem suas últimas raízes na história natural e a arqueologia pré-histórica constitui precisamente uma ponte entre a história humana e ciências como a biologia, a paleontologia e a geologia. Segundo os registros paleológicos e geológicos, por exemplo, o homem moderno é produto do pleistoceno superior, que corresponde ao período que sucede a última Idade Glacial. Já os materiais pré-históricos analisados sob o prisma da biologia, permitem elaborar um esquema da evolução natural do homem constituído de cinco estágios principais, representados sucessivamente pelo Pitecantropus, o Sinantropus, o Homo heidelbergensis, o Homo de Neanderthal e, finalmente, o Homo-sapiens. O homem moderno é, do ponto-de-vista biológico, o homo-sapiens, ser cuja existência corresponde a apenas 25 000 anos, ou seja, cinco por cento do período total da existência de seres capazes de produzir utensílios.

Segundo os registros arqueológicos, biológicos e paleológicos, é após o término da evolução orgânica do homem que principia sua evolução cultural. Com o surgimento do homo-sapiens, a história propriamente humana substitui-se à história natural. É a partir de então que vamos acompanhar a produção do homem pelo homem.

* * * * *

De imediato, coloca-se um problema metodológico: qual o critério que permita caracterizar as várias etapas da evolução humana, durante o período que antecede a constituição das sociedades civilizadas.

Efetivamente, podemos acompanhar as grandes transformações operadas na vida social do homem, durante o período de história civilizada, utilizando o conceito de modo de produção como conceito envolvente de cada grande período. A cada mudança no modo de produção corresponderia uma etapa distinta no desenvolvimento da humanidade. Todavia, quando incluímos a história civilizada no contexto da história total observamos que aquele conceito não se aplica, com todo rigor, às sociedades pré-civilizadas. Para resolver simplificada e o problema, e atribuindo ao critério escolhido, um caráter meramente operatório, vamos apreciar as grandes etapas da evolução humana distinguindo-as segu-

do as modificações ocorridas nas forças produtivas que condizem à divisão e especialização do trabalho, implicando simultaneamente em alterações na organização social e no conhecimento.

1ª) - Primeira forma de organização social - 10.000 A.N.E.

- a) organização econômica - economia coletora
- b) organização social - gentilica
- c) divisão do trabalho - apenas entre os sexos
- d) ideologia - mitos e ritos projetados da função / geradora da mulher para as plantas e os animais;
- e) avanços realizados em relação a períodos mais remotos - já trabalhavam o osso e o marfim, além da pedra e da madeira; invenção do arco.

Contradição: apenas coletando da natureza não podiam os homens controlar o aumento da população.

2) Primeira revolução: transformação da economia coletora em economia produtora de alimentos, dando ao homem o controle de seu próprio abastecimento; ocorrida há cerca de 5.000 anos.

- a) organização econômica: agricultura e domesticação de animais;
- b) organização social: a estrutura genética, baseada no "parentesco", permanece;
- c) avanços realizados:
 - 1) aproveitamento do trigo e da cevada, que são formas domesticadas de ervas silvestres;
 - 2) aprendizagem do valor do leite;
 - 3) utilização da lã;
 - 4) talhe em madeira;
 - 5) indústria têxtil;
 - 6) remodelação dos recipientes de barro.

Entre os séculos 6.000 e 3.000, inventam-se:

- 1) arado, que permitiu a agricultura generalizada;
- 2) roda, - ocasionando uma revolução nos transportes;
- 3) barco a vela;
- 4) ladrilho;
- 5) metalurgia do cobre - implicando um conjunto de conhecimentos relativos a: maleabilidade e fusibilidade do cobre, redução de minerais, ligas metálicas.

Dois aspectos da economia produtora simples merecem atenção especial:

- a) aparecimento de excedente econômico permitindo o aumento da população e tornando possível o comércio;
- b) a economia é autossuficiente;

Contradições da economia produtora simples:

- a) aumento da população X terra limitada;
- b) catástrofes naturais X economia autossuficiente;

Já estavam, todavia, lançadas as bases, com o uso generalizado do metal, para a subversão da economia de autosuficiência: tornava-se imperativo o comércio exterior (matérias primas), o qual exigia a constituição de um excedente, o qual implicava em aumento da produtividade (terra limitada), a qual induzia a especialização do trabalho, a qual resultava em aumento da produtividade, a qual fazia aumentar o excedente disponível, o qual era canalizado para o comércio exterior, / recomeçando o ciclo.

3) Segunda revolução: economia produtora inserida em um universo econômico em expansão.

- a) modificação fundamental nas forças produtivas: aproveitamento industrial do bronze;
- b) organização social bastante diferenciada e completa; número razoável de pessoas afastadas da produção de alimentos e ocupadas nas indústrias secundárias, nos transportes, no comércio, no exército, na administração.
- c) avanço fundamental ao nível da razão: invenção da escrita ideogramática.

Premissas desta forma de organização sócio-econômica:

- 1) acumulação de excedentes em escala considerável (comércio exterior);
- 2) concentração do excedente a fim de torná-la socialmente reprodutiva (irrigação de canais, aquisição de matérias-primas no exterior, etc.).

Desaparecem as comunidades de simples agricultores, surgem os Estados orientais: Egito e Mesopotâmia.

Avanços científicos: calendário solar, escrita, notação numérica, aproveitamento industrial do bronze, técnicas de marinharia e de contabilidade.

Contradições: administradores X produtores; redução do povo à servidão X necessidade de expandir o mercado interno.

* * * * *

A próxima etapa na evolução da humanidade será marcada pelo aproveitamento do ferro, com consequências fundamentais ao nível da organização sócio-econômica e ao nível da consciência.

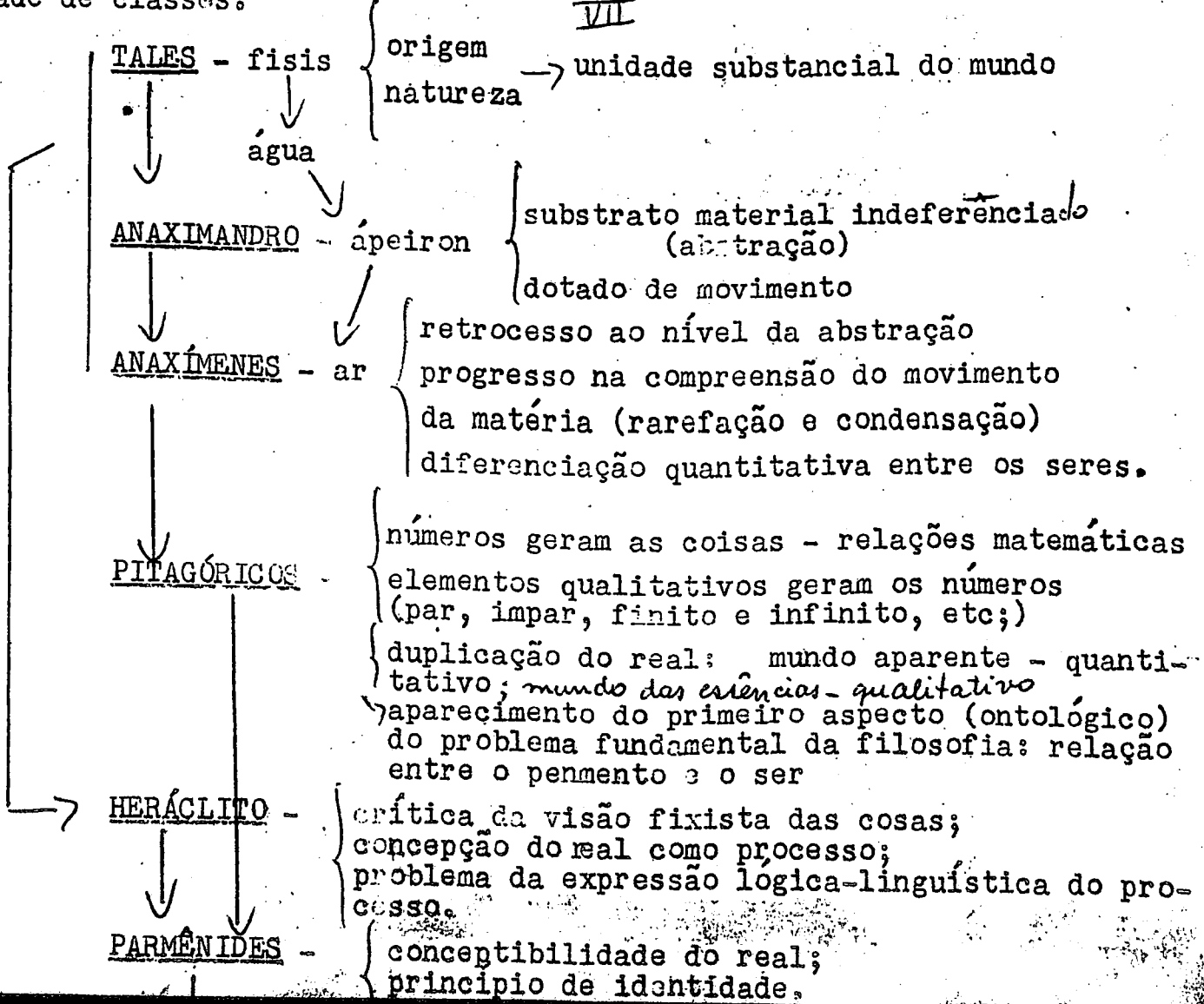
O surgimento da filosofia, como tipo de pensamento que apreende as coisas em sua mediação, está ligado as modificações sócio-econômicas decorrentes do aparecimento da produção mercantil. Em todas as partes do mundo antigo - e no que diz respeito a China, esta concepção já foi exaustivamente comprovada -, registra-se o aparecimento da consciência filosófica na mesma época em que surge a produção mercantil. Sabemos, como de fato, a experiência da produção de mercadorias revela que as coisas possuem um valor de troca, valor que aparece em sua mediação com outra, valor que é inerente ao objeto, porém não imediato. Por outro lado, a experiência mercantil revela também o surgimento do cosmos, da ordem, da polis, a partir da desordem, do caos, representado pelo circuito imediato de produtos, alienados de seus produtores e transformados em mercadorias. O nascimento da ordem a partir da desordem se faz, segundo a experiência mercantil, pelo complexo de mediações que as coisas experimentam em sua troca incessante, umas pelas outras. A visão da realidade na qual os fenômenos, os seres, davam-se todos em sua imediatidade, é incompatível com o mundo social organizado com base na economia mercantil.

Já na poesia grega pré-filosófica o mundo começa a ser representado como um complexo de coisas que se mediatizam. O real começa a ser explicado, desdobrado. Todavia, a fonte de mediação entre as coisas pertence ainda ao mundo anímico, representado aqui pela vontade e desejo dos deuses, não obstante o fato de que alguns conceitos compreensivos da realidade de principiem a ganhar conteúdo objetivo, racional. Exemplo: a ideia que representa, no plano mais imediato, a fonte das mediações entre as coisas deixa de ser Moira (destino cego) e passa a ser Dike (lei de justiça).

Precisamente a ideia de que a realidade se comporta segundo leis inflexíveis, sem interferência de nenhuma vontade, humana ou divina, constitui a base da primitiva filosofia grega. O objetivo do pensamento filosófico que então surge será o de descobrir as leis gerais que regulam as relações entre todos os seres do universo, as leis que regulam a existência do universo tal como é. A filosofia, como ciência das relações gerais entre os seres, abstraída das relações particulares, próprias das experiências singulares, torna-se a visão mais geral da realidade.

Ora, com a produção mercantil, nascem as classes e, se se quiser então relacionar o tipo de conceituação da realidade, com a realidade que torna possível essa conceituação, pode-se concluir que a filosofia, como ciência das relações gerais entre os seres, é a visão-do-mundo da sociedade de classes.

VII



5

↓

aparecimento do 2º aspecto (gnoseológico) do problema fundamental da filosofia: o pensamento e o ser.

↓

PLATÃO - } incorporação da problemática suscitada por Heráclito, Parmênides, Sócrates e Sofistas
↓ } a organização das ciências.

ARISTÓTELES - organizador do conhecimento científico; o mundo reflete-se num mapa do conhecimento, no qual cada parte ocupa um lugar próprio, devidamente relacionado com os demais: lógica, metafísica, etc. A mais formidável sistematização da Filosofia, em quanto ciência das relações gerais, que a Antiguidade produziu.

O esquema acima apresentado não tem outro objetivo senão o de exemplificar como se foi desdobrando a temática contida na pretensão filosófica de se constituir como ciência das relações gerais entre os seres.

II —> Desde que se explicitou o conteúdo real do objeto da filosofia (relações gerais entre os seres), sucederam-se os sistemas, cada um pretendendo ser a correta reprodução das relações mais gerais que existem na realidade. E cedo também iniciou-se uma corrente que se estende por toda a história da filosofia, sob as mais diversas formas, opondo-se a pretensão da filosofia e afirmando que não é possível existir uma ciência das relações gerais entre os seres.

Ja na Antiguidade os céticos incumbiram-se de demonstrar a inabilidade da pretensão filosófica, polemizando contra os estoicos, e demonstrando como não ha criterio teórico que permita ao homem ultrapassar os limites da subjetividade para afirmar que aquilo que pensa sobre o real / reproduz de fato aquilo que o real e. Consequentemente, segundo a posição cética, o homem só conhece as coisas tal como estas lhe aparecem; logo, uma ciência das relações gerais, objetivas, entre os seres e impossível.

Modernamente, o problema e retomado por Kant, o qual, apos demonstrar que a razão traz antinomias implícitas, conclui pela impossibilidade de afirmarmos que a ciência que o homem possui, convem ao real na sua intimidade. A ciência do homem aplica-se ao mundo fenomenico, que e o resultado, a síntese do noumeno (a coisa em si), real, objetivo, e as / formas a priori da razão, a subjetividade humana.

Posteriormente, Fichte ha de colocar com toda a clareza que a posição dualista, tal como a de Kant, conduz a contradições e não solução na o verdadeiro problema da filosofia: porque existe ciência? Segundo Fichte, ou a ciência existe porque o mundo e fruto da razão, e a razão se / conhece; ou a ciência existe porque a razão e fruto do mundo, e o exprime. A primeira posição e idealista e a segunda dogmatica (materialista). Nenhuma das duas pode, teoricamente, destruir a outra e a opção por uma ou por outra se faz em função da especie de homem, considerado psicologicamente, que se e. Em ultima análise, a escolha da posição filosófica não pode ser decidida por criterios teóricos.

A segunda tese sobre Feurbach, de Marx, constitui, nesse particular, o inicio da subversão total da problemática filosófica.

A crítica marxista à filosofia, como ciência das relações gerais, assume uma primeira formulação nos trabalhos do jovem Marx sobre a filosofia de Hegel. Após compreender que toda a concepção da realidade de parte e deve partir da realidade a ser concebida, o jovem Marx desenvolve uma crítica à filosofia, particularizada no sistema de Hegel, no sentido de demonstrar que a correta filosofia deve desembocar na ação prática, isto é, na negação da filosofia enquanto saber abstrato.

Hegel, segundo Marx, teria confundido a alienação do ser humano com a objetividade em geral e, conseqüentemente, a superação da alienação implicava em superar, em negar, a própria objetividade. Ora, para Marx a alienação do homem tem fundamento na alienação do trabalho, o qual só é alienado nas condições da propriedade privada. A medida em que a consciência passa a refletir todo o tecido real de alienações com base na alienação do trabalho - o que ocorre na concepção filosófica -, começa a se colocar o problema de realizar a ideia positiva de homem, enquanto ser social, mediante a ação. E quando a consciência filosófica se coloca a tarefa de realizar praticamente (na ordem do ser) sua própria concepção (ordem do conhecer) ela se nega como consciência filosófica, pois coloca como condição necessária para realizar a filosofia precisamente a não-filosofia, isto é, a ação. É o devenir mundo da filosofia.

Atualmente, o núcleo da crítica marxista à filosofia, em sua primeira formulação, envolvia uma contradição: de um lado, dava-se como condição do trabalho alienado a propriedade privada; de outro, dava-se como condição da propriedade privada o trabalho alienado. Ademais, aceita-se implicitamente a possibilidade de que se constitua um saber - a filosofia - exaustivo do mundo, o que contradiz o próprio ponto de partida da visão marxista, herdada de Hegel, ou seja, a afirmação de que o mundo é um complexo de "processus" e não de coisas acabadas.

O desenvolvimento posterior da visão marxista conduz a nova crítica da filosofia, enquanto ciência das relações gerais. Com efeito, quais são as premissas da filosofia, enquanto ciência das relações gerais?

- a) de que é possível abarcar o real, o absoluto, em sua totalidade.
- b) de que é possível acabar com a contradição existente entre o homem que conhece (parte do todo) e a coisa conhecida (o todo).

Ora, esse tipo de ciência é impossível precisamente porque, tanto do lado do objeto, quanto do lado do sujeito, não são preenchidas as condições necessárias ao seu sucesso. Do lado do objeto, não é possível a existência de uma ciência das relações gerais entre os seres por que não existe um absoluto acabado, fechado, do qual se pudesse retirar as leis que o regulam. E do ponto-de-vista do sujeito, não é possível a um indivíduo particular, o filósofo, superar a contradição que existe entre a faculdade humana infinita de conhecer, e a existência real dos homens, limitada - contradição que é motora do progresso do conhecimento humano. Tal contradição só pode ser sucessivamente superada pela série infinita de gerações humanas.

A filosofia em seu sentido clássico, portanto, enquanto ciência das relações gerais, não tem sentido. Não é ciência, porém ideologia, isto é, um sistema racional, logicamente ordenado e desenvolvido, mas cuja ligação com o real é escassa, deformada, transfigurada.

Conclusão

A dialética em Hegel

- 1 - Para Hegel, todo objeto finito se apresenta à reflexão como "inacabável". Tão logo é afirmado "separadamente", surge a -
contradição. A dialética é a marcha do espírito para retirar a contradição que sempre renasce. p. 157
- 2 - Hegel não nega o princípio de contradição. Ao contrário; o esforço para escapar à contradição é o motor de toda dedução. -
No princípio de contradição descobre êle significação mais profunda. A saber: toda oposição é a relação e, como tal, su- a contr.
põe certa unidade entre os opostos. Uma pura oposição é impen-
sável e no plano intencional e no plano ontológico; no plano-
do pensamento e no plano do ser. Toda coisa finita é uma "di-
ferença" (Unterschied). É isto e não aquilo; para ser isto, ex-
clui aquilo, exclui o outro que não ela. Se, para ser ela mes-
ma, é preciso excluir o outro é que - de acôrdo com a "certa-
identidade dos opostos como relação" - ela é também o outro -
mesmo que ela exclui. De direito, idealmente ela é o outro; -
existencialmente, realmente êle o exclui para ser ela mesma.
Assim, como o outro são outros, infinidade de outros, o singu-
lar é um universal "particularizado", uma unidade na qual se
produz uma "diferença". Unidade do ser, diferença ou diversi-
dade dos seres.
- 3 - O pensamento comum não nota a unidade subjacente à diversida-
de ou "diferença", pois sendo imediatista e imediato isto não
lhe interessa. O pensamento filosófico sim, vê a relação do
uno e do múltiplo.
Para Hegel, a oposição de contradição não se restringe ao sen-
tido da lógica formal. Na lógica formal, tipo aristotélico, -
corresponderia mais à oposição de contrariedade, que não é a
exclusão absoluta. As relações entre os seres são tão vari-
adas quanto a natureza dos seres e o progresso da dialética é
o percurso através dessas variedades para a unidade. No grau
ínfimo da realidade, a relação é extremamente negativa; é o e
caso da idéia de ser puro, que é o máximo de abstração. Na re-
lação especial, domina a exterioridade. A relação manifesta-
sua verdadeira natureza, se interiorisa, quando se eleva ao -
vivo, e, sobretudo, quando atinge as realidades espirituais.

como a relação do senhor ao escravo, relações entre pessoas, que não são apenas seres, viventes, mas espírito. Pode-se ir até à nuance psicológica neste caso; a contradição arrasta ao antagonismo, ao conflito.

Muitos erros se têm cometido na interpretação de Hegel por se ter isolado e indevidamente generalizado uma aplicação do método dialético, (como a dialética do ser e do não ser) pela qual começa a lógica. Não se pode separar o método da totalidade de seu conteúdo, isto é, de toda a obra.

- 4 - "Para adquirir o progresso científico, uma coisa é necessária apenas - e é preciso ^{princípio da neg. da neg.} forçar-se por adquirir-lhe a compreensão singela - é o conhecimento desta proporção lógica: o negativo é também positivo. Ou: o que se contradiz não se resolve em zero, no nada abstrato, mas, essencialmente, não se resolve senão na negação do seu conteúdo particular. Semelhante negação não é toda negação, mas a negação da coisa particular que se resolve, e é por consequência uma negação determinada. Assim, essencialmente, o resultado contém aquilo de onde resulta - o que é uma tautologia, pois de outro modo seria uma coisa imediata e não um resultado. Visto que aquilo que resulta a negação é uma negação determinada, ela tem um conteúdo. É um novo conceito, mais elevado e mais rico do que o precedente, porque enriquecido pela negação ou pelo oposto do conceito precedente; assim, ela o contém e contém mais do que ele; é a unidade deste conceito e de seu oposto. Desse modo o sistema de conceitos é construído, perfazendo-se em movimento incessante, puro e sem nada receber de fora" (Wissenschaft der Logik, Einleitung, Ed. Lasson, I, 35-36).

- 5 - A conciliação é o momento essencial; nesse momento se descobre a unidade profunda, sintética, que está subjacente ou que serve de pensamento à oposição tese-antítese. "O aspecto realmente fundamental da dialética não é a tendência da categoria finita a negar-se, mas sua tendência a completar-se". Morrer-se para viver.

- 6 - "Aufheben" e "das Aufgehobene (das Ideelle) é um dos mais importantes conceitos da filosofia. Importa compreender-lhe a significação. Aquilo que se "aufhebt" não se reduz, por isso, ao nada. Ao contrário, um "Aufgehobenes" é um "Vermitteltes" (mediatizado). É o não-ente, como resultado de um ser. Conserva, assim, a determinação deste ser. Na língua alemã,

"Aufheben" tem duplo sentido, "conservar e guardar" (aufbewahren, erhalten) e também "fazer cessar, acabar", *anular*.

- 7 - A partir no todo - O seguinte princípio exprime e faz funcionar o método dialético: um conceito ou um ser manifesta sua essência total não quando tomado isolado e absolutamente, mas apenas quando situado no sistema total de todos os conceitos ou de todo o ser. Este sistema total já está contido nele, *em* implicitamente e para a consideração mais profunda, filosófica, *é*, por consequência, pode ser desenvolvido a partir dele. Cada coisa tende, assim, de algum modo, a sair de si para "passar em seu oposto com o qual constitui uma unidade superior que as *"aufhebt"*, conserva e une.

A análise de um conceito determinado, isolado, mostra que não nos podemos ater a ele só, pois ele tende a outra coisa, a outro conceito, que também o contém. A "Realização" dos dois - conceitos isolados, seu conceito "total", é um terceiro conceito que ou já os contém realmente como dos momentos, os "põe", ou os contém implícita e idealmente, mas que a análise e o desenvolvimento, mostra que são postos realmente nele".

- 8 - Aspectos da dialética. As palavras usadas por Hegel esclarecem vários aspectos da dialética. Antes de mais nada "totalidade". A "boa" infinitude oposta à "má" que indefinida incapacidade de conclusão. Absoluteidade, no bom sentido, que não precisa passar ao outro, incondicionada, livre. Boa "unidade" por oposição à má "unidade", simples associação exterior, ordenação numérica, unidade isolada, imediata. A verdadeira unidade nega a má, que é vazia e formal. Universalidade no bom sentido, unidade viva dos momentos. Universal concreto - contendo seu inferior em que se realiza, por oposição ao universal abstrato. O universal abstrato é também chamado de "puro interior", privado que está de sua exterioridade. "An-sich", isolado, tem sentido mau de ser abstrato, imediato, finito. Fuer sich no mau sentido é sinônimo de "ansich" e designa o isolamento, o egocentrismo. Fuer sich no bom sentido implica na relação a um outro, o desdobramento na Diferença - (= reflektiert in sich selbst).

"An und ~~fuer~~ sich" designa a unidade dialética dos dois primeiros.

Verstand und Vernunft

Em Hegel, ao contrário de Kant, os termos significam dois mo-

momentos diferentes do pensamento e não uma faculdade da experiência e outra de unificação da experiência (sem ser cognoscente).

O entendimento (Verstand) é o pensamento finito. "O pensamento como entendimento esbarra na determinação fixa e em sua diferença dos outros; considera o abstrato assim limitado como subsistente e existente separadamente" (Enz. nº 80) É o pensamento da linguagem comum. É a faculdade do universal abstrato. É indispensável na vida prática porque determina fins imediatos e definidos e no conhecimento porque delimita categorias em certas ciências. "A filosofia deve antes de tudo captar cada pensamento em sua total precisão e não deixar nada vago e indeterminado".

Mas, não ultrapassar o entendimento seria ficar na pura identidade sem diferença ou na pura diferença sem identidade.

- 1 - A razão dialética ou negativa - "O momento dialético é aquele em que estas determinações finitas são superadas (sich aufheben) e passam no seu oposto" (Enz. 81). O entendimento julga que a dialética leva ao ceticismo mas "como o próprio de toda coisa finita é superar-se a si mesma, a dialética constitui a alma motora do progresso científico", o princípio pelo qual a conexão imanente e a necessidade entram no conteúdo da ciência, assim como a elevação verdadeira, e não exterior, acima do finito". Era já um mérito da dialética socrática, obrigando, pela ironia, o adversário a admitir o contrário do que pensava fazendo ultrapassar seu próprio pensamento. Kant, tem doutrina análoga com as antinomias.

A obra de Fichte vai desembocar numa concepção mística. No seu segundo sistema - enquanto que no primeiro o absoluto era o Eu e a existência do Eu era a ação - Fichte coloca acima do absoluto, representado pelo Eu, a divindade, ou seja, o ser divino, e considera a Egoidade como uma criação divina.

Assim, contrariando a primeira posição, que dizia que a ação gerava, o ser é anterior. E o valor supremo não é mais a ação, mas a contemplação do ser absoluto. Antes a contemplação do ser não era como ética, porque o ser era produzido pelo Eu.

A filosofia do idealismo Alemão não foi de maneira alguma uma criação arbitrária, uma criação poética, mas sim uma mensagem da Filosofia para dar ânimo as forças criadoras da nação Alemã. Foi uma ideologia do desenvolvimento Alemão.

O aspecto do atraso industrial da Alemanha vai repercutir mais fortemente no sistema de Hegel.

Na França pré-revolucionária, dizia-se que o progresso industrial é que daria racionalidade à sociedade. Para introduzir relações de produção estáveis era preciso a indústria. Julgava-se que o desejo de um bem era um fator de irracionalidade na sociedade, que só seria eliminado quando esse bem fosse colocado ao alcance de todos. O desejo era um fator de perturbação do quadro social. A solução era tornar possível, a todos, a aquisição das coisas desejadas e desejáveis. O meio era o aumento da produção. O conceito de industrialização era a forma como os filósofos viam a possibilidade de introduzir a racionalidade no processo social.

O problema p/ Hegel

Hegel toma essa idéia e faz dela o núcleo de sua concepção geral. Para ele, o problema da Filosofia é interpretar a realidade, mas, por outro lado ele só considera real aquilo que está de acordo com a razão. Neste sentido é que Hegel considera que o papel da filosofia é o de interpretar a realidade. O real para Hegel não é a totalidade das coisas, mas apenas aquilo que se manifesta como racional. O que não está absorvido pela razão é aparência. É aparência o que não está ainda incorporado à razão. Assim, para Hegel o papel da filosofia é o de produzir o incremento do processo racional mediante a racionalização da aparência. A Razão portanto, torna real a aparência, realiza a aparência.

A postura política de Hegel

Para Hegel, é na história concreta que se conhece o processo da razão. Mas a razão não faz a realidade, como em Fichte, e sim que produz a realidade transformando o aparente em real. Aqui já aparece o projeto político da filosofia de Hegel. Ele quer, com sua filosofia, mostrar que a razão acabará por vencer as condições irracionais. O que Hegel tem diante dos olhos é a irracionalidade; a servidão, o fracionamento do território Alemão, o desejo dos homens de possuírem coisas

que estão fora de seu alcance, etc... Ora, a razão é a essência do homem. então, julga Hegel que o espírito está em processo de reincorporar o irracional. (Confrontar com o "Timeo" de Platão).

O que não é identificado à razão ainda não é real. Neste sentido é que devemos atender o que Hegel diz: "O que é racional, é real, é o que é real é racional".

O racional e a liberdade

Hegel mostra a influência necessária do processo da razão... Mas, qual é o critério pelo qual podemos dizer que alguma coisa é real e, portanto, racional? Pelo desenvolvimento da liberdade. Isto é, a razão é um processo que se manifesta como aquisição de liberdade. Então, há mais/razão onde há mais liberdade. A liberdade mede o processo da razão. E inversamente, o processo da razão só tem como objetivo a liberdade. O que.. não tem liberdade é irracional. O necessário é o irracional. (Ver "Timeo")

Real, racional e livre, acabam, de certo modo, por se confundirem. (Devemos lembrar-nos de que Hegel está vivendo a ocupação da Alemanha pela França).

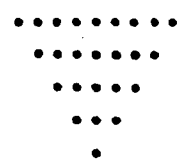
Esta é a atitude primeira que está na base de todo o sistema de Hegel. Mas, há um desenrolar do sistema hegeliano que vai conduzir, no fim da vida de Hegel, à proposição que será inteiramente antagônica a essa inicial. Hegel..... porque, depois de 1814, a Alemanha deixa de ser um território ocupado, é levado a fazer a apologia do.. estado Alemão, isto é, na monarquia prussiana; ou seja Hegel acaba por fazer de sua filosofia como que um encerramento apoteótico da história do.. pensamento.

Diz Hegel, que cada sistema filosófico tem uma única idéia.. central. E a sucessão dessas idéias forma um sistema. A verdadeira filosofia é, para Hegel este sistema. Hegel considera que é a sua própria filosofia que vê isto. O seu sistema não é um sistema de uma idéia, mas uma.. idéia dos sistemas. Sua filosofia é a última, é o sistema dos sistemas representados por suas mestras. Por outro lado, do mesmo lado ele vê que o desenvolvimento da história atingiu a sua última etapa, que é o Estado Monárquico Prussiano da época. Neste Estado Monárquico é que se realizou inteiramente a liberdade.

A libery p/ Hegel

Veremos em Hegel, mais que em Fichte, a relação entre a sua/lógica e a sua intenção social e política. Ora, esta intenção é a do povo Alemão. Porém quando se pergunta: Em que consiste essa liberdade que Hegel, considera como apárgio de todos os homens, e não apenas como privilégio de poucos? Não consiste numa liberdade concreta, numa liberdade das condições opressoras. Consiste, sim, na liberdade do pensamento, na liberdade da idéia. É que, agora, no mundo constitucional germânico, o pensamento é livre. Trata-se da liberdade como um bem interior. Assim, vemos.. que, apesar de todo esse apóio no terreno histórico, Hegel acaba como um idealista. A liberdade é considerada por Hegel como um bem do espírito. A liberdade segundo Hegel, é a liberdade para todos de pensar a liberdade.

É uma liberdade subjetiva, uma liberdade como um bem interior. É a certeza de que, sejam quais forem as misérias do homem, se pode alcançar a.. liberdade interior.



Teoria do conceito em geral - o conceito unifica o universal e o particular
nas suas relações (positivo e negativo) numa síntese.
Teoria do movimento do conceito - é o do próprio pensamento. Que: surge
no processo de auto-consciência; vai sendo objetivo (a partir do conceito) e real
até a conclusão de um método a ser seguido.

H E G E L

Professor Alvaro Vieira Pinto. (Aula taquigrafada, não revista pelo Prof)

Devemos examinar hoje a filosofia de Hegel, que partilha com Fichte e Schelling, da mesma linha de pensadores idealistas que descende da concepção Kantiana, São os continuadores do pensamento Kantiano, e todos, ainda quando reagem e se opõem a aspectos essenciais da obra de Kant, consideram-se seus discípulos e continuadores e acham que estão dando a filosofia de Kant sua verdadeira interpretação, Acham que Kant viu o essencial, porém perdem-se em estruturas de detalhes e considerações que fizeram com que o essencial fosse ignorado em sua verdadeira razão essencial.

Assim é que HEGEL pretende é nos mostrar que a realidade toda é um processo em evolução. Esse processo tem um ponto de partida no que ele chama a ideia absoluta. Para ele a realidade toda preexistia num estado de sistema lógico conceitual. De modo que a realidade, fundamentalmente, teria sido um sistema de conceitos, portanto, uma pura estrutura lógica, nada mais. Esse sistema de conceitos é em si, existe em si, não precisa de nada fora de si para existir. Porém, justamente, por que é apenas um sistema de conceitos não terá a compreensão de si mesmo, não existe ainda para si na linguagem dele, existe em si, está todo aí porém não existe para si. E todo o processo da realidade não é outra coisa senão a transformação da realidade em si. Em ideia para um outro estado que é o para si. A ideia torna-se bastante de si, torna-se auto-consciente.

O espírito do sistema Hegeliano é o do processo em 1º lugar. Em 2º lugar esse processo terá uma origem num estado puramente conceitual, um sistema de conceitos. O sistema vai evoluindo, porque? Não para adquirir algum conteúdo que não tivesse já, porém para adquirir a consciência desse conteúdo mesmo. E para chegar a essa consciência é que esse sistema de conceitos assume uma realidade fora de si. Ela se transporta para fora, mas uma fora que não é senão oposição, por realmente a ideia não pode existir aparte da ideia. Então cria-se a natureza.

A natureza, segundo HEGEL, não é outra coisa senão uma etapa de desenvolvimento universal da ideia, que passa do estado puramente lógico, inconsciente, a um estado natural, enquanto realidade fora de si, para então a partir dessa realidade, reconhecer o caminho da sua compreensão de si própria, e então voltar ao para si.

De maneira que há três etapas, o embrião do método dialético - o em si, o fora de si, e o para si. As considerações em si e fora de si são antitéticas, evidentemente. A condição de para si associa sinteticamente as duas outras. Desse modo, segundo HEGEL não podemos considerar nenhuma realidade como existindo fora ou aparte da ideia, por apenas como manifestação da ideia. E que ela está aparte mas não como realidade mesma, porque toda a natureza, tudo aquilo que aí está é a própria ideia, é o conceito, transformado em coisa, para poder transformar-se a seguir em ideia, em conceito de conceito. O conceito passa coisa, para depois poder voltar a si mesmo, sob forma de ideia do conceito, de consciência de si.

Essa é a tríade dialética de HEGEL, o modelo de todo o seu método. Não é o momento de estudar todas as complicações contidas na formulação e essencial é que desde já possamos compreender como a filosofia HEGELIANA dessa tríade dialética nos conduz a conhecer o método que a seguir ser aplicado a todos os modos do conhecimento e método dialético.

HEGEL foi muito justamente chamado o ARISTÓTELES dos tempos modernos. Trata-se de um gênio enciclopédico e matemático, em Kantão e a um temperamento dogmático e racionalista. Ele formula o seu pensamento em uma linguagem abstrata e técnica, extremamente confusa e redundante mas ele está bem atento ao concreto, à vida. Entretanto, ele nunca é nada que não seja Hegeliano, quer dizer interpretado segundo os princípios de sua própria filosofia.

Costaríamos, em primeiro lugar, de abordar os princípios fundamentais da filosofia Hegeliana. É uma empresa arriscada. É evidente

Ideia Absoluta
de em
existe em si
e tem consciência
de si mesmo.
e meio que
se tem auto-
consciência.

A Id. ou sp.
absoluta se evolui
e fora de si,
para conhecer
a natureza - opo-
sição.

A natureza
é o desenvolvimento
universal da ideia
que passa do estado
puramente lógico,
inconsciente, a um
estado natural,
enquanto realidade
fora de si, para
então a partir
dessa realidade,
reconhecer o
caminho da sua
compreensão de
si própria, e
então voltar ao
para si.

Princípios da Filosofia

0 1- O primeiro principio é a imanencia do ABSOLUTO. Em HEGEL o absoluto não é, como em Fichte e Schelling, anterior, superior ao Eu e ao mundo. Ele não é a fonte da qual elas se derivam em se distinguindo. Na verdade, em seus predecessores, o absoluto não é transcendente, falando propriamente; entretanto, HEGEL lhes reprova o não terem ainda eliminado todos os traços de transcendência. Em particular, ele censura Schelling por não poder aplicar racionalmente a condescendência do absoluto aos seres finitos. O absoluto de Schelling, diz ele, não é uma luz que ilumina as coisas; é, pelo contrario "a noite onde, como se diz, todas as vacas são pretas".

Assim para HEGEL, o absoluto não é uma substancia, quer dizer um ser completo, mas um sujeito, quer dizer um movimento.

O absoluto não é ainda, ele será somente ao termo de uma evolução. Antes de ser plenamente, ele mesmo com resultado, ele é o processo de geração do universo. Ele é estritamente imanente a natureza e ao espirito, constituindo toda a coisa e todo o pensamento. O ser particular nasce e morre, portanto, um momento, uma fase desse desenvolvimento. Considerar um ser nele mesmo, aparte do movimento que o constitui, é abstrair-o; uma coisa concreta, individual será, portanto, dita abstrata no vocabulário hegeliano.

2- O segundo principio é a identidade do real e do racional. HEGEL, não precisou e formulou este principio sendo tardemente, no prelo de sua "Filosofia do Direito"; mas ele exprimiu, entao, o poder de ser pensamento. "Tudo que é real é racional, tudo que é racional é real". Formula do racionalismo mais puro e absoluto, que justifica o nome de panlogismo a que foi dada a filosofia hegeliana. Consideremos suas duas partes:

"Tudo que é real é racional"; isto significa que o processo de geração do mundo não é abstrato nem mesmo contingente, mas necessário e lógico, o que vem a ser, simplesmente, dizer que o absoluto é a Razão. Essa tese implica em que as mesmas leis regem o movimento da natureza e o do pensamento. A Razão é consciente no homem onde aparece como pensamento lógico, é inconsciente na natureza onde constitui a essência das coisas e é a lei de sua evolução. O principio vale para todo o real, não somente para a natureza mas tambem para a história, para as sociedades e civilizações, para a arte e para as religiões.

"Tudo que é racional é real" - O segundo momento é ainda mais racionalista, ali é que isto é possível. Significa que é suficiente em pensar logicamente para estar certo "a priori" que o pensamento é real, não só que ele corresponde ao real, que o pensamento (racional) é a realidade (racional).

A dialética para HEGEL, é o ^{o primeiro método da} propriedade da filosofia. Consideremo-la, pois, de mais perto: de um modo geral a dialética é a marcha, o progresso, o desenvolvimento do absoluto, quer dizer da razão, portanto, ao mesmo tempo, uma marcha do pensamento humano e um desenvolvimento das coisas segundo sua essência.

O dominio da dialética é o finito, porque é abstrato nos seres finitos que o movimento é possível. Ela está portanto, como que suspensa entre dois infinitos que são, - um sua origem, e o outro seu termo. A origem da dialética é o infinito abstrato, indeterminadamente vazio, o infinito no sentido que lhe davam os gregos, o indeterminado, o indefinido; é o que HEGEL, chama o ser. Seu termo é o infinito concreto determinado, pleno e espirito. Poder-se-ia dizer que o primeiro é o infinito negativo, e o segundo é o infinito positivo. A dialética é a passagem, ou melhor, é a passagem de um ao outro.

A força da dialética é a contradição. Uma interpretação de muito tempo classica queria afirmar que HEGEL "repudia o principio de contradição". Mas é um contrassenso completo, como se perde a mão que melhor se vai estudando e compreendendo; ao contrario, a dialética tem por função mostrar as contradições que se apresentam. O que há de verdadeiro na antiga interpretação, é que, segundo HEGEL, o pensamento tropeça a todo momento em contradições, o que o movimento não se faz senão graças a elas; mas HEGEL sabe muito bem que não se pode permanecer na contradição e a dialética consiste justamente em superá-la.

A dialética é a marcha do espirito para superar a contradição que sempre renasce.

DIALECTICA

Contrad.

O termo técnico é "aufheben". HEGEL se rejubila com o fato de que a língua alemã possui termos tão especulativos; e com efeito, o sistema de HEGEL não existiria si a língua alemã não lhe fornecesse um termo tão cheio de significados. De fato "aufheben" significa: erguer, elevar, ultrapassar, e daí toma os dois sentidos inversos de suprimir e conservar; é nesse sentido duplo e contraditório que o entende HEGEL.

Esse sentido é talvez evidente: negar uma coisa é negar a ela, mas é evidente também a negar; dito de outra maneira, a negação é essencialmente relativa ao objeto que afeta. De modo que o termo negar é conservar como negado. É assim que por exemplo, quando nos opomos a alguém, ficamos dependente dele, pelo ato mesmo de nos opormos a ele.

Se agora quisermos entrar em um pouco mais de detalhes, eis aqui algumas indicações: a dialética procede por três modos: tese, antítese e síntese.

Tudo ser finito, pouco importa que seja um objeto ou um conceito, pelo fato mesmo de ser finito, determinado, limitado, comporta um elemento negativo, uma negativa interna. "O finito é finito" - diz HEGEL. Isto não é somente um jogo de palavras que exprime essa lei ontológica de que o finito não é o absoluto, que está destinado a desaparecer, que no momento mesmo em que existe traz em si o princípio de sua destruição. Daí se segue que se coloca um ser finito absolutamente, se o suprime ou se coloca a sua contraditória mais exatamente: um ser finito, em se colocando e se desenvolvendo, se suprime e passa a sua contraditória, mas dois termos contraditórios não podem ser, nem ser pensados juntos; eles existem pois um terceiro termo que opere a síntese, que os reconcilie, que os unifique e os funde ao mesmo tempo. Uma vez feita a síntese, os dois termos opostos aparecem como o são verdadeiramente, isto é, momentos abstratos de um processo ascendente. Eles têm sua verdade apenas na síntese que os ultrapassa.

A filosofia de HEGEL é o desenvolvimento do saber absoluto; ela compreende três partes: 1- a lógica que é a ciência do ser em si; ela constroi o sistema de categorias, indo de ser puro, que nada é a IDEIA absoluta, que é o Espírito si pensando a ele mesmo. 2- A Filosofia do Espírito que é a ciência do Espírito retornando a si mesmo; suas etapas são a psicologia, a moral, o direito, a arte, a religião, e ~~XXXX~~ enfim a filosofia (hegeliana) - 3- a Filosofia da Natureza - é a ciência do espírito "alienado", ou negado, que está fora de si mesmo, quer dizer, inconsciente; ela constroi o mundo indo do espaço vazio a vida.

O sistema possui uma conclusão: A Filosofia da História que traça as grandes linhas do progresso do espírito na humanidade; o círculo é fechado porque há identidade entre ~~XXX~~ o progresso de cada consciência individual que nos dá a fenomenologia, e o progresso do espírito humano em geral, através dos diversos tipos de cultura e civilização que descreve a Filosofia da História.

Ora, nessa evolução universal que é o sujeito, qual é a realidade que está em evolução? HEGEL a chama o espírito. De forma que o espírito (a terminologia não é constante: as vezes é o espírito, outras é a ideia, mas de um modo geral ele chama o espírito) - é que precisa ser consciente de si mesma, então reconhece que no seu primeiro momento ele é apenas conceito, ou sistema de conceitos, isto é, ideia; num outro momento ele é natureza, para, num terceiro momento ser propriamente espírito.

O importante é que esse sistema reproduz, com grande semelhança o esquema Platônico. É a mesma concepção de uma descida e uma subida. A realidade emana desse um, como em ~~XXX~~ Plotino, como emana desse espírito, razão ou ideia, desse absoluto que era de qualquer modo uma inconsciência. É, fundamentalmente, originariamente uma inconsciência, um ignorar-se de si mesmo e que, para chegar a compreender-se a si próprio necessita de adobrar-se. Esse desdobramento, esse desenvolver-se é o modo e procedimento pelo qual, o espírito pode chegar a compreender-se a si próprio.

de modo que a natureza e portanto o mundo, não tem uma existência real, isto é, entidade a parte do espírito. O mundo é o momento dialético da evolução do espírito em geral, porque o universo dos conceitos existe a realidade. A realidade materialmente chamada, não é outra coisa senão a concretização desses conceitos, que se torna necessário para que possa o espírito refletir sobre o objeto e encontrar, na mesma coisa distinta de si mas a ele próprio.

Assim é que o espírito cria o objeto para poder ver, ou obra criada as suas próprias faixas conceituais. É, como diria o próprio HEGEL, como um homem que tem seus olhos mas se pode vê-los indo a um espelho ou a uma superfície refletora, com que eu vejo? Com meus olhos. No entanto espontaneamente os meus olhos não servem para vê-los a eles próprios. Eu só apreendo a realidade dos meus olhos numa imagem que não é exatamente a realidade que eu quero ver.

Com esta simples metáfora podemos dizer que eu compreendo um pouco o pensamento hegeliano. O mundo é fundamentalmente uma lógica, por isso podemos compreender uma frase essencial, em que HEGEL nos diz isso: "De acordo com essa ideia, eu afirmo que a sucessão de sistemas da filosofia, na história, é a mesma que a sucessão lógica na derivação dos conceitos, a partir da ideia".

A filosofia, para HEGEL é a sucessão de sistemas que procuram interpretar a realidade. Assim a cada momento da história, a cada fase do processo, há uma interpenetração da realidade dada por um sistema filosófico, que representa aquilo que se pode chamar o máximo de compreensão possível naquele momento do processo. Eu, portanto, uma consciência máxima em constante vanguarda no processo histórico. Esta consciência máxima reflete-se numa concepção filosófica determinada. Por conseguinte, o espírito universal está sempre presente, mas sem sistemas de filosofia que, logo que surgem a cada momento existem. Porém, esse sistema não é definitivo, nem mesmo o é, porque logo a seguir a consciência mesma adquirida da realidade por esse sistema conduz a ver alguma coisa mais, ou seja, a ver aquilo que não está imediatamente explicado, por essa concepção, ou dialeticamente, aquilo que está oposto a ela.

Suponhamos que eu tenha uma explicação que resolve estes fatos que aqui estão. Se a realidade parasse, estaria tudo resolvido assim. Mas, como não para, acontece que eu que possuo neste momento esta concepção, descubro um novo fato. Este novo fato é o real em evolução. Descubro um novo fato ou socialmente forma-se uma nova estrutura que não cabe mais dentro daquela explicação, ou daquela concepção que eu formava. Então este novo fato, seja um acontecimento físico, seja social, seja o que for, entra imediatamente em oposição ou choque com aquela explicação. Ora, essa explicação representava, por hipótese o máximo de consciência existente no momento. A oposição criada, isto é, a descoberta de alguma coisa que não se encaixa perfeitamente na compreensão que se tinha da realidade, no momento, leva a que o homem, o filósofo, o pensador, sinta a necessidade de superar esta contradição, esta insuficiência.

Como ele a supera? Decidindo-se por uma coisa ou por outra? Não, porque tudo que era conhecido continua válido de algum modo. Simplesmente surge um novo fato que não se torna adequado e explicação presente. É necessário, então, substituir esta explicação por outra que inclua no dado, quer dizer, que supere e resolva a contradição numa síntese, num novo momento, que será logo superado também por outro fato novo, e outros, que vão aparecendo e assim indefinidamente.

Conseqüentemente, o importante no sistema hegeliano, é a certeza de que todo a realidade é racional. Este é um tema que terá que ser abordado ao falar da lógica hegeliana do conhecimento. Portanto, segundo do HEGEL, toda a realidade é racional, e ainda afirma ele a proposição oposta: todo o racional é real. Porque? Como afirmativo fundamental da realidade é um sistema lógico. Assim sendo, o movimento da realidade pode apreendido sob dois aspectos: a) - na sua objetividade, na sucessão dos acontecimentos físicos, em parte; b) - através dos fenômenos sociais, éticos e psicológicos sucessivos. Então a teoria de espírito objetivo, subjetivo e absoluto, pode ser apreciada no seu conhecimento simplesmente lógico, porque uma coisa e outra não



Ha um paralelismo perfeito entre a ideia e a coisa, porque toda a ideia é real e todo o real racional. Portanto, toda a ideia, todo o racional, tem correspondencia na realidade e como inversamente tudo que é real tem uma correspondencia na ideia.

E não ha dois processos, ha um processo unico, mas este processo pode ser visto por um lado ou pelo outro. Possa apreciar o processo da realidade no seu aspecto de fato, ou no seu aspecto de conceito, porque no fundo é uma coisa. Não ha conceito que não se tenha ja corporificado ou que não esteja ainda no mundo dos conceitos, no momento historico em que deverá se realizar. Como inversamente, tudo aquilo que ja se realizou, que se está realizando, ou que se vai realizar, se podera ser real como fato, como coisa, si a ele corresponde no conjunto do sistema lógico, uma representação concatenada com outros conceitos anteriores. De sorte que nada acontece que não esteja no seu aspecto lógico, determinada por outros conceitos anteriores. Conclua-se que é tão legitimo especular-se sobre as ideias como examinar a realidade porque são uma e só coisa

Não ha dois processos como no pensamento de SPINOZA, por exemplo, de qual essa ideia de certo modo deriva, possa examinar logicamente o processo e descrever toda a teoria da realidade em termos de derivação de conceitos uns dos outros, como diz HEGEL em seu livro "O sistema da logica", ou posso fazer o oposto, examinar a sucessão dos fatos, como fez ele, na "Fenomenologia do Espirito", ou como realizou depois nas "Lições da Historia da Filosofia". Veri que a sucessão de fatos é, exatamente, uma repetição da sucessão dos conceitos. Tudo que vai acontecer como fato, ou tudo que vai existir como coisa, está ligado a uma sucessão rigorosa de conceitos. De modo que, si meu espirito fosse atualmente bastante perspicaz para possuir a totalidade do sistema dos conceitos, o que é evidentemente impossivel, porque essa posse supõe a consciencia do sistema, o portante de seu desenvolvimento, poderia ele prever toda a realidade futura.

So se eu fosse Espirito Absoluto

O importante no sistema de HEGEL, é esta concepção de que a realidade social se dá a conhecer no processo. Não ha, desse modo, decisão, nem solução de continuidade. Para HEGEL, a ideia, a razão, o absoluto, sai de si na forma de uma natureza bruta. Vemos a evolução natural fazer-se primeiro em forma inerte (a evolução da matéria simplesmente), depois as formas geográficas, etc... A evolução da realidade vai se fazendo ate o momento em que começa a aparecer a vida, depois a vida evolue (influencia dos sistemas evolucionistas) ate chegar ao homem, que é a forma superior da existencia biologica.

O importante no sistema hegeliano é que nele a Historia Universal segue a Historia Natural. Pode se observar a concatenação: matéria bruta, formam-se os sistemas estelares, na terra formam-se condições especiais e aparece a vida. A vida vai evoluindo do reino vegetal ate chegar ao reino animal. E no reino animal a sua evolução até chegar ao homem. Quando chega ao homem este não passa a outro animal.

Como continua a evolução, uma vez constituido o homem? É a historia justamente. A evolução do homem, que agora chega ao espirito prosegue na forma de evolução do espirito. Não ha solução de continuidade. O espirito ja existia antes, apenas, ele se torna agora tão claro, tão mais lucido, que tem sua evolução propria enquanto espirito. A unidade do processo é permanente. Então agora, uma vez existindo o homem, começa a existir a consciencia, o espirito, os fenomenos sociais, eticos etc... e a Historia de um modo geral.

Com razão, diz HEGEL, se chama o estudo da natureza de Historia Natural, antes de distinguir o ramo biologico. Si considerarmos que antes da existencia do homem, toda a natureza é etapa de um grande processo que continua sem solução de continuidade. Já criada o homem o processo não se faa por transição biologica, o homem não passa a um outro ser, apenas passa a condição de espirito. A evolução do espirito é portante as oriações do espirito em toda a especie, seja no dominio da arte, da religião, da ciencia e por fim da filosofia, são a continuação do processo evolutivo, que vinha da formação das rochas. É o espirito universal que principalmente põe a natureza fora de si, para que essa natureza produza, como termo mais

maneira de ser mais adiantado de sua evolução material, a criatura humana, é esta ou nela, numa condição inexplicável o espírito se constitui já em consciência. Começa então a produzir-se a consciência de processo.

Assim é que para HEGEL, toda a superioridade do espírito humano está apenas nisso. Ele é auto consciente. Em outras palavras, é livre, porque onde exista a consciência existe a liberdade. Nas formas pré-conscientes ou inconscientes de existir não há liberdade. Uma pedra não tem a liberdade de estar noutra posição ou de produzir outro efeito, ela é submetida a uma condição natural determinada e determinante. Porém o homem, na sua condição consciente manifesta-se como um ser livre e essa liberdade é a própria consciência.

Não há um problema de liberdade em HEGEL a liberdade é a própria posse da consciência. São coisas sinonimas. Não pode haver uma consciência não livre, como não pode haver uma liberdade inconsciente. Exatamente que de o homem atua sem consciência, não é livre, é automático, é involuntário.

Consequentemente a noção de liberdade é tão incompreensível como a de consciência. A liberdade segue nos momentos mais elevados da consciência o que se pode ver especialmente porque, ao longo da história da humanidade, a liberdade ou a consciência se vai aparecer realmente em número muito pequeno de indivíduos, e só com o tempo, com o avanço do processo é que a consciência e liberdade se vão tornando cada vez mais, patrimônio de um número de homens.

Assim é que de início a liberdade se existe ou a consciência se existe num homem, no governante, o despota oriental. Logo em seguida ela evolui para uma forma mais avançada em que alguns são livres, conscientes; são as formas de oligarquia, de aristocracia onde há poucos cidadãos, o resto são escravos. E por fim para chegar a forma suprema em que a liberdade é patrimônio de todos.

Tudo isto nos conduz apenas a citar a concepção de HEGEL com um outro modelo. Não estamos interessados diretamente em estudar, nem o método hegeliano nem a teoria da razão, estamos apenas interessados em mostrar um exemplo, talvez o mais interessante de todos, de uma concepção que supõe a existência de uma consciência universal em HEGEL. Esta consciência está em ação, está se fazendo. É uma consciência da evolução. Supera, no entanto, todas as consciências empíricas, particulares, como no caso de FICHTE que citei noutra oportunidade. Portanto, todas as consciências idealistas evoluíram ao levadas a esse mesmo esquema geral. A realidade de homem é a realidade parcial, momentânea, particular, e forma uma partícula de existência muito mais completa, que é a existência universal e consciência transcendental.

Mas em HEGEL o sistema acha-se envolvido por uma concepção lógica. Por isto se diz que o sistema de HEGEL é um paralogismo. Toda a realidade é lógica, e nos encontramos a razão de cada coisa no seu conceito. Por sua vez, este conceito está ligado a outro de maneira que o mal é uma estrutura lógica absoluta, onde não há nada que não esteja representado por uma razão de ser. Mas esta razão de ser é lógica, é um conceito anterior, do qual ela se deduz por uma necessidade puramente lógica.

Contra este aspeto lógico ou logicista levantaram-se, na própria época de HEGEL outros pensadores que, ainda quando mantinham a mesma concepção de espírito universal de consciência transcendental reagiam contra esse aspeto lógico de HEGEL.

Como sabem, a forma mais interessante de reação anti-hegeliana no próprio terreno idealista foi a de SCHOPENHAUER, que reagiu ao logicismo de HEGEL por uma concepção exatamente oposta, por uma visão anti-lógica, por um irracionalismo, porque a concepção hegeliana é a suprema defesa da racionalidade. SCHOPENHAUER ao contrário considera também a realidade como um processo. Não porém um processo que tenha por substrato ou por essência a ideia, e portanto as coisas racionais, mas exatamente o oposto o que ele chama a verdade, isto é, o irracional. Para SCHOPENHAUER, como para todo o idealismo a aparência das coisas não constitui uma

Transição da ccc

Erscheinung

não constitui sua verdadeira essência. As coisas mantêm-se através do nada como aparece seu verdadeiro ser. Aparecer é uma coisa, ser é outra. Assim da mesma forma que nas coisas há também uma aparência que não corresponde ao ser. No fundo temos que chegar a esse ser: é o trabalho da filosofia.

Segundo SCHOPENHAUER esse ser é um impulso cego, volitivo, uma vontade cega e como tal não pode ter nenhuma explicação, porque a vontade é por explicação um ímpeto, uma força que não pode ser explicada nem justificada.

Assim, para SCHOPENHAUER temos que admitir a existência de uma vontade primordial, vontade essencial que simplesmente é postulada.

Tudo é gratuito nesse sistema, mas é postulado pelo filósofo. É esta vontade, como vontade, como força, que cria toda a realidade da qual, nós mesmos, como indivíduos, somos uma partícula.

Estou procurando mostrar que os sistemas se repetem que caem no mesmo modelo.

Desde o momento em que se concebe que a filosofia não é um amontoado casual de sistemas, mas sim, uma sucessão cronológica de um processo/absoluto que tem por sujeito a razão, é possível estruturar racionalmente a história da filosofia. Ao contrário de se imaginar que a sucessão dos sistemas é arbitrária, os sistemas estão escalonados segundo uma lógica necessária entre os conceitos que cada sistema corporifica. Porém, como êsses conceitos são a própria estrutura da realidade, a lógica de Hegel não é uma lógica subjetiva, não é uma lógica que se refere apenas/à inter-conexão entre os conceitos, mas uma lógica objetiva, que se refere aos estados da realidade. Justamente porque os acontecimentos são a.. manifestação concreta da razão, quando o espírito particular examina cada etapa da realidade, êle aprende essa lógica que é a conexão entre os fatos:

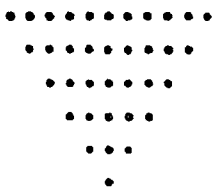
O segundo aspecto fundamental para compreendermos a posição hegeliana consiste na compreensão de que êsse conceito que constitui cada um dos momentos da história da filosofia num dos sistemas filosóficos não.. está representado exclusivamente por êsse sistema, mas também pela totalidade das manifestações do espírito na época correspondente. Cada sistema filosófico significa um conceito da razão. A razão se constitui pela/sucessão dêsses conceitos.

E o segundo grande aspecto do pensamento hegeliano é a consideração de que o conteúdo da razão, que em cada época se sintetiza num conceito apresentado por um certo sistema, na realidade se manifesta na totalidade dos atos e das manifestações do espírito, e não apenas no terreno especial da filosofia. Assim, quando quero expressar o significado de um conceito, tenho que analisar o sistema filosófico que o possui como.. uma espécie de síntese de todas as manifestações simultâneas do espírito: na arte, na ciência, nas instituições, etc....

Tudo isto é uma unidade só, ou, diz Hegel, uma totalidade. Assim, na verdade, o processo da razão não se encontra apenas nos conceitos da filosofia. Está no conceito da filosofia como a sua flôr suprema, diz Hegel. Cada filosofia reflete o espírito da época, e, mais do que isto, o povo em que surge esta filosofia.

Uma vez que se realiza um conteúdo do espírito, devido à lógica .. imanente, o espírito se esgota, porque faz de seu conteúdo algo para si, fica consciente dêsse conteúdo. Em cada momento se realiza um conceito.. da razão. Realiza-se supremamente na filosofia, mas também nas outras manifestações do espírito da mesma época. Essa lógica não pode ser percebida a priori, pois seria supor que o espírito particular está acima do espírito absoluto.

Outra posição essencial do pensamento hegeliano é o caráter que Hegel atribui à atitude filosófica. Esta é necessariamente partidária. Hegel mostra que, sendo o conceito de filosofia este que acabamos de ver, não há mais o conceito de liberdade de opinião na compilação dos conceitos filosóficos. Enquanto a filosofia não era a própria história da filosofia transformada em teoria, cada historiador poderia muito bem reunir as opiniões que quisesse, segundo seu ponto de vista, e fazer a apreciação que bem entendesse. Mas, no momento em que se compreende que a filosofia é a própria história da filosofia posta em uma sucessão necessária, não há mais a liberdade de interpretação. Cria-se para o filósofo, ou seja, para o historiador da filosofia, a obrigação de representar o partido da razão. Isto é, não há mais a possibilidade de o historiador da filosofia escolher entre os sistemas do passado para ser o sistema ao qual vai aderir, porque não tem sentido aderir-se a um sistema passado, precisamente porque é passado. No momento em que nos colocamos na perspectiva de Hegel, passamos a saber que Descartes, Kant, etc... foram momentos do pensamento. Nas épocas determinadas, esses sistemas foram necessários, mas agora a posição do pensador é abranger os sistemas passados. Esta concepção nos faz interpretar cada sistema segundo a perspectiva presente. Todos os sistemas têm de ser aceitos, mas cada um deles é um momento dessa verdade, dessa dialética histórica. Na posição atual, a única coisa que resta ao filósofo é constituir-se em um sistematizador da filosofia e aceitar em relação a cada sistema, essa posição partidária. Nos outros historiadores, não havia a consciência dessa particularidade.



Segundo Hegel, todos os pensadores no passado, interpretaram a realidade segundo um conceito que para êles se tornou consciente. **É** esse conceito é o núcleo de um sistema e constitui assim o produto da reflexão dêsse pensador. Porém, o que distingue a posição do filósofo, agora, de todas as posições dos pensadores anteriores é que êstes fizeram apenas uma reflexão e, portanto, chegaram apenas à consciência de certos conceitos, mas o filósofo atual faz uma reflexão sobre essas reflexões, o que é mais do que uma consciência. É uma auto-consciência.

Diz Hegel: Se o conceito de filosofia não deve ser estabelecido de um modo arbitrário, mas cientificamente, então êste tratamento é a própria ciência da filosofia. Ou seja, a filosofia se define como a ciência da filosofia. E isto é a própria história da filosofia.

Diz Hegel: Segundo esta idéia, afirmo que a sucessão dos sistemas de filosofia na história desta é a sucessão da derivação lógica das determinações do conceito da idéia.

Assim, a série dos sistemas de filosofia na história desta, vem a ser a série da derivação lógica das determinações do conceito da idéia. Os sistemas se derivam um dos outros necessariamente.

Diz Hegel: "O estudo ~~da filosofia~~ da filosofia é a própria história da filosofia."

A filosofia não tem outra matéria senão a sua própria história. Ou seja, a filosofia deverá justificar a sucessão dos sistemas no tempo pela sucessão das propriedades do conceito da idéia.

A filosofia, segundo Hegel, representa como vimos, a flôr da cultura. Mas não é a única. Ou seja, quando consideramos a idéia em seu desenvolvimento, vamos encontrar numerosas determinações da idéia que se apresentam em outros ramos da cultura.

Segundo Hegel, podemos ter acesso ao espírito que se manifesta num determinado momento através do estudo da arte, das instituições, etc..., mas a criação filosófica é que é a expressão máxima dêsse espírito. Assim, a filosofia não é um luxo, mas uma necessidade.

Diz Hegel : " Chega, porém, o tempo em que não somente são filósofos em geral, mas em que, em um povo, se manifesta uma determinada filosofia. E esta determinação é, do ponto de vista da idéia, a mesma determinação que penetra por

todos os outros lados.

Quer dizer, um povo não tem uma filosofia qualquer para uma determinada época. Assim, não é apenas uma determinada necessidade q em determinado momento se comece filosofar, mas tb. que se tenha aquela determinada filosofia.

O importante é a idéia da íntima correlação. A filosofia não surge espontaneamente, não surge ao acaso, não é fruto de algum indivíduo q se torne e levado por uma espécie de revelação ou p/ um gênio pessoal e sim q ela não apenas está fadada a surgir somente qdo. há condições para tal, como ^{ela} traz os caracteres desse momento social.

Diz Hegel: "A relação da história política com a filosofia não é a de que aquela seja a causa desta. É uma determinada essência q penetra p/ todos / os lados e se apresenta ao político, como a todas as outras coisas, como um elemento variável. E os aspectos múltiplos não são contraditórios entre si".

"A forma histórica da filosofia está numa relação necessária com a // história política. O fato de q se venha a filosofar deve referir-se a q um povo já atingiu a um certo grau de formação de sua idéia".

Assim, há sempre uma correlação, não uma causalidade. É a evolução da totalidade da sociedade q se manifesta em várias modalidades.

Qual é, porém, o sinal pelo qual podemos perceber o surgimento da filosofia em um determinado povo?

Qdo. um indivíduo surge na sociedade, êle encontra uma diferença entre as condições em q é obrigado a viver e aquilo q êle pode desejar ter como situação social. E assim se estabelece uma insatisfação do pensamento a respeito da realidade. Só quando essa insatisfação atinge a um certo grau é que se atinge a visão total que se chama filosofia.

Aqui diz Hegel: "Quando tem lugar a íntima incomensurabilidade entre aquilo que o espírito quer e aquilo em que se deve satisfazer é q surge a filosofia". Esta frase nos mostra a profundidade do pensamento hegeliano ao interpretar o processo do desenvolvimento da filosofia como desenvolvimento do processo nacional. A filosofia foi sempre concreta, embora os filósofos julgassem q pensavam abstratamente. E Hegel vai mostrar q é pensando concretamente q se // pensa o universal. Antes pensava-se q só pensando abstratamente é que se pensava o universal. O universal era identificado com o abstrato. Agora, procura-se o concreto e faz do concreto o universal.

Diz Hegel: "A filosofia surge apenas numa determinada fase da cultura do povo. Porém, não se dá o caso de que seja a filosofia em geral, e sim q é uma determinada filosofia que se manifesta!"

A idéia é esta: a filosofia não é uma produção espontânea. Ela é uma produção social. Ela surge num determinado contexto social qdo. este contexto atinge um grau determinado. E o q faz com que, nesta situação propícia e obrigatória para o surgimento da filosofia, alguém comece a pensar é a inadequação entre o que o espírito quer e aquilo em que êle se deve satisfazer. (Hegel escreve "em que" o que dá a idéia de um contexto). Nesse momento, a filosofia // surge como uma teoria q poderá dar a explicação dessa inadequação e, por conseguinte, a qual já não estava sendo uma ideologia.

Assim, vemos que é em Hegel que encontramos o princípio comum a todo o método dialético.

É o de que há uma contradição entre a realidade e os determinantes dessa realidade. Do ponto de vista idealista de Hegel, não se trata de mudar a realidade material do mundo. Trata-se apenas de mudar o contexto das idéias em que o espírito se move. De modo que, quando Hegel procura promover aquela adequação, trata-se apenas de atender a uma exigência de idéias. O que Hegel preconiza é apenas que se mudem as idéias. Porém, eu sustento que há na idéia mesma uma determinação objetiva; porque, para Hegel as instituições, etc... são concretizações da idéia. Quando Hegel diz que é preciso mudar a idéia, o que há de se mudar é, portanto, a realidade mesma. Há um apelo em Hegel a uma atuação sobre a realidade, não importando que ele entenda por realidade apenas um conjunto de idéias. Mas estas idéias estão concretizadas, segundo Hegel.

Assim sendo, chegamos àquele último traço referido na aula passada, que é o caráter necessariamente partidário da filosofia. Este traço do pensamento de Hegel nos mostra de que ilusão o filósofo pode ser vítima quando pretende pensar de maneira incondicionada e, portanto, acreditar-se como capaz de julgar imparcialmente.

Hegel diz que tôdas as vêzes em que nos interessamos pela História da Filosofia o que queremos é discernir os conteúdos de verdade que este conceito possui. Portanto, não estamos indiferentes. A história da filosofia como ciência, que é própria filosofia, supõe a presença de um ponto de vista no historiador. O historiador não vai ao passado como um espectador apenas. Porque, se assim fôr, ele não tem a capacidade de ^{aprender} ~~aprender~~ naquilo que vai observar mais do que uma sucessão desconexa perdendo o que é próprio dessa sucessão, isto é, precisamente a conexão entre os temas. Assim, ele precisa ter antecipadamente, uma concepção da história da filosofia para ~~fazê-la~~ ^{fazê-la}.

Diz Hegel: "A atitude imparcial faz da história da filosofia uma triste coisa, pois que, antecipadamente, sabemos que devemos renunciar a toda investigação do sentido dessa história. Devemos, portanto, tomar partido ao fazer filosofia, e não apenas limitar-nos a satisfazer-nos com o conhecimento do pensamento dos outros."

Assim, longe de ser uma concepção preconcebida da história da filosofia um impedimento para o seu estudo, sem um juízo prévio, partidário, acêrca dela não se faz.

Diz Hegel: "Contra a imparcialidade, o escritor filosófico deve ser imparcial. O objeto que ele descobre tem de despertar seu interesse!"

Não se trata mais de conceber a filosofia em abstrato. A filosofia não é um produto indiferente, não é uma criação arbitrária do espírito humano.

É, sim, a realização ^{ca4} necessária de uma idéia num determinado contexto social de um povo determinado. Portanto, desde que haja um desenvolvimento interior da história da filosofia, há um critério ^{ca4} dêsse desenvolvimento. E há os que aceitam e os que não aceitam êsse critério. Se o aceitarmos somos partidários.

Se não houvesse uma conexão imanente no desenvolvimento da filosofia, não haveria critério. Mas, se um sistema procede segundo uma relação necessária entre os sistemas, só há um critério, que é o critério dos critérios, o critério da filosofia em geral. Como êste critério não é mais o de um sistema, mas o da filosofia da filosofia, sua aceitação leva à ~~posterioridade~~ ^{perenidade} em filosofia. O sistema de Hegel é o de todos os sistemas; E êle vai ser partidário, porque não ^{vai} aceitar nenhum dos sistemas já construídos.

O pensador está imerso na história e representa, pois, um outro momento. O que há é um diálogo entre uma filosofia do passado e a do presente. Em filosofia somos sempre partidários. Esta é a concepção profunda e original de Hegel.

Diz Hegel: "Nós vemos na história da filosofia que, nos outros países europeus, onde a ciência e a cultura do ~~entendimento~~ ^{entendimento} são levados com ardor e interesse, que a filosofia, a não ser no nome, desapareceu e decaiu, até a sua lembrança de tal modo que ela se concebe na nação alemã como uma propriedade desta. Temos a missão, que nos foi dada pela natureza, de sermos os guardadores dêste fogo sagrado."

Nesta frase fica declarado que Hegel considera a sua filosofia mo uma expressão própria do povo alemão.

A filosofia de Hegel é um intelectualismo, ou seja, é um retôr àquela forma clássica do pensamento alemão e o repúdio do predomínio do aspecto prático e ético da filosofia, como em Kant e Fichte. Retornado à tradição que vem de Leibniz, Hegel procura mostrar que a filosofia é necessariamente um sistema lógico da realidade. Portanto, a primeira coisa a fazer é descobrir em que consiste propriamente a realidade e de que maneira se alcança a racionalidade do real.

Vemos que não se trata de examinar previamente se o homem é ou não capaz de chegar ao conhecimento da realidade; porque esta questão só pode ser discutida se estivermos de posse do conhecimento. Caso contrário, como poderíamos discernir o conhecimento do real de outro que não o é se não temos o critério do real? Assim, a filosofia é a obra da razão lógica, e não a da intuição ou do entendimento. Nestes pontos Hegel se separa radicalmente das duas posições clássicas do pensamento alemão até então; a de Kant, para quem a filosofia era obra do entendimento, e a de Schelling, para quem a filosofia era obra da intuição.

Eis aí como Hegel pretende estabelecer o predomínio lógico da razão: mostrando que a filosofia não pode ser nem o entendimento, nem a intuição. Porque o entendimento, como Kant mostrou, opera por meios de categorias que são próprias do espírito, que são conceitos vazios, meras formas do entendimento, e por isto permanecem no plano do abstrato, do formal. E, além disto, o entendimento como Kant mostrou, se limita ao campo da experiência. E esta é a própria condição da validade da operação racional segundo Kant. Assim o ponto de vista Kantiano satisfaz a Hegel por dois motivos. O entendimento não é o órgão da filosofia.

Ora, neste sentido poderíamos dizer que os idealistas, principalmente Schelling, venceram as limitações Kantianas. Mas Hegel não aceita também o ponto de vista de Schelling de que a intuição é o órgão próprio da filosofia, porque para Schelling a intuição é uma faculdade mística, uma faculdade que alcança de um único golpe o seu objeto, e, portanto, estabelece sem nenhuma garantia os seus enunciados sendo os enunciados supremos do pensamento. Assim, a atitude de Schelling fica exposta a todos os riscos da intuição.

Considerando isso, Hegel estabelece que o órgão próprio da filosofia é a razão. A razão é definida por Hegel como sendo a faculdade que opera por meios de conceitos concretos. Isto é o que constitui a condição específica da razão: é a faculdade dos conceitos concretos. Com isto se afasta a atitude de Schelling. Para Schelling, a filosofia não trata propriamente dos conceitos que são uma degradação do conhecimento da natureza. A filosofia segundo Schelling é a ciência da intuição.

Hegel se opõe a Kant porque os conceitos de que a filosofia se ocupa, segundo Hegel, não são abstratos, mas concretos. Que vem a ser conceito concreto. Pode-se dizer que são dois aspectos que dão o caráter de concreto aos conceitos. O primeiro, ¹ é o de que são conceitos que alcançam o universal no próprio particular, e não como pensava a filosofia tradicional e a Kantiana, além do particular. Para Kant, o particular é apenas o fornecedor das intuições sensíveis a partir das quais podemos chegar a construir os conceitos gerais da ciência. Mas estes conceitos estão no entendimento, embora sob a forma de simples categorias; estes conceitos, enquanto tais, não estão no conteúdo, mas além do conteúdo. Para Hegel, ao contrário, o universal está no particular e não fora dele.

O segundo aspecto ² que caracteriza o conceito concreto é o de que os conceitos só podem ser compreendidos na sua plenitude inteligível quando mediatizados pelo conceito oposto a ele. O conceito abstrato é aquele que é tomado à parte e, portanto, é um conceito que (e por isso que é abstrato) pode ser concebido à parte em seus limites. Mas o conceito concreto só pode ser concebido de maneira mediatizada. Logo, cada conceito, para ser compreendido, deve ser referido no conceito que lhe é contrário e comparado a ele para constituir um terceiro conceito no qual os dois primeiros estão contidos, mas superados.

Hegel quer mostrar que a filosofia não chega ao conceito pela abstração isto é, que o conceito não é alcançado quando se abandona o particular, quando prescindido do particular. Hegel vai mostrar que o que há é o universal concreto. O universal de que falava a filosofia tradicional era uma pura abstração, isto é, não tinha nenhuma referência à realidade. O conceito é aquele em que o caráter de universalidade não se opõe à particularidade, e sim que se confunde com ela no objeto. Assim, o objeto é a síntese entre o universal e o particular.

Por exemplo: uma rosa vermelha. Eu considero o vermelho como a universalidade. O vermelho é o objeto universal. Mas, existe o vermelho? Se não existe, tudo o que eu disser a respeito dele é ilusório. Se existe, onde existe? Se não aceito a resposta platônica, tenho que aceitar que o vermelho a que me refiro é o vermelho dos objetos vermelhos. Assim, não posso fazer, como pretendia a tradição aristotélica, a construção do vermelho sem fazer referência aos objetos vermelhos. Ou seja, não há um vermelho a parte, nem num mundo isolado nem na própria existência material. Assim, falar o vermelho das coisas que tem essa cor é colocar-se fora da realidade, porque a realidade não é assim. Portanto, o universal é real enquanto concreto.

Diz Hegel: "A tarefa do filósofo é mostrar contra o entendimento

que a idéia não consiste em generalidades vazias, mas em um universal que em si mesmo é particular, o determinado."

Porque motivo o universal do entendimento e da filosofia tradicional é um universal abstrato, e que é que vai caracterizar o universal concreto? Quando eu considero em caráter abstrato um certo conceito, eu o estou tomando (individualmente) numa limitação que me dá a qualidade de particular. Ou seja: somente pelo fato de que eu, arbitrariamente, limito a esfera de validade do conceito que estou examinando, é que posso ~~extrair~~ extrair daí o que Hegel chama a forma. O que faço é violar a realidade do conceito. Eu limito o conceito para deixar apenas uma área da qual, feita a operação de limitação, posso abstrair o conceito. Mas isto é uma violação da realidade porque, na realidade mesma, os objetos dos quais abstraio esse conceito estão ligados a outros objetos, e estes a outros, etc... Na realidade, esse conceito não tem a limitação que eu supus para fazer a minha operação de abstração. Na verdade, cada conceito é mediado por outro e mais outro, de modo que em cada conceito se encontra toda realidade.

A teoria clássica da formação dos conceitos supõe que, por exemplo a idéia de mesa tem uma realidade em si, independente dos objetos. Mas esta operação supõe que temos previamente o conceito de mesa para reconhecer quais os elementos que pertencem àquela classe. Eu só poderia reunir várias mesas se eu tivesse previamente o conceito de mesa. Na verdade, porém, eu procedo a uma abstração meramente..... formal de apenas algumas mesas,.....

Assim, eu não poderia formar oconceito de mesa se não possuindo a totalidade. A totalidade que me dará o conceito de mesa não é a das mesas todas, mas o agrupamento de mesa com tudo o que não é mesa. Ou seja, eu alcanço o conceito de mesa não porque junte todas as mesas do mundo, mas porque relaciono algumas mesas com o que não é mesa, com o que é seu contraditório.

Assim vemos que o conceito concreto é aquela que se mediatiza com o seu contraditório, e que, portanto, não exclui este, mas sim que se une a ele na produção de uma realidade mais alta, sintética, que é a própria realidade. O conceito de mesa, portanto, é universal, mas não é abstrato.

O conceito-concreto é, portanto, o que ^é em correlação lógica com seu contraditório, mas que precisa deste para se constituir.

Assim, se o mundo fôsse constituído só de mesas, não teríamos o conceito de mesa. O conceito se produz por generalização concreta, e não por abstração. Enquanto que a abstração não menciona os objetos da classe, e supõe portanto que já constitui essa classe, a generalização concreta supõe o encontro de um objeto com

seu contraditório. E, assim, a condição de não ser outra coisa que mesa, por exemplo, está realizada na essência da mesa. Isto é, a mesa, na sua essência lógica, contém internamente a não existência dos traços da existência da não mesa. E essa relação entre ~~uma~~ mesa e a não mesa se encontra na mesa mesma. A mesa é mesa porque as qualidades que definem as outras coisas estão ausentes na mesa. Mas esta ausência é uma ausência presente: o não ser mesa é uma propriedade da mesa. A qualidade não ser mesa é qualidade da mesa. É claro que não preciso mencionar as qualidades que a mesa não tem para ser mesa, porque estas qualidades vão-se espalhando nas outras coisas..

Outro exemplo: Não posso conceber o círculo senão com referência a uma totalidade. Ao examinar o círculo, posso referir-me à totalidade das figuras geométricas, ou a totalidade das figuras planas, etc... Assim, eu só posso conceber o conceito de círculo se eu me referir à totalidade das coisas que não são círculo. E a qualidade de não ter as qualidades das outras coisas dessa mesma totalidade é uma qualidade do círculo.

Aqui vemos que as qualidades positivas e negativas são complementares. Essas qualidades são essenciais à coisa. Por exemplo, a ausência de uma determinada propriedade no círculo é essencial para que ele seja círculo.

Assim, estamos vendo que a concepção de Hegel nos leva a um modo de pensamento distinto daquele a que até então fizemos referência. É que começamos a pensar dialéticamente. Até aqui, justamente pela fixação da lógica em termos exclusivos do princípio de identidade, estávamos sendo levados aos modos de pensar possíveis do realismo platônico e o empirismo e abstracionismo de Aristóteles e dos empiristas. Porque, ou o conceito tem uma existência à parte, ou não, sendo neste caso o resultado de uma abstração. Dessa maneira, podemos fazer uma teoria dos conceitos mas que se trata de uma teoria abstrata. E, como Hegel mostra, a teoria abstrata dos conceitos não corresponde à realidade. É preciso, portanto, construir a filosofia com a teoria do universal concreto. E esta teoria leva à concepção dialética.

A razão, segundo Hegel, por uma concepção do absoluto, que necessariamente precede a todo tratamento dos fatos. Assim, a posição realista, que põe os fatos em primeiro lugar, não tem, segundo Hegel, possibilidade de ser aceita, porque supõe que se conhece a natureza do fato, o que é o fato, e esta questão não pode ser indagada dos fatos mesmos, visto que sua resposta só é dada no conceito geral de realidade. É preciso, previamente, uma concepção geral da realidade para que se chegue aos aspectos particulares dessa realidade que são os fatos. Não podemos compor a totalidade por meio de uma soma de fatos ou acontecimentos porque estes são em número infinito. Temos de fazer, previamente, a teoria da realidade. Segundo o modo de pensar hegeliano, essa concepção é a do absoluto, que Hegel interpreta como a razão universal. Assim, para Hegel, a realidade em si é a razão. Porém, o que êle entende por razão um sistema de conceitos pré-cósmicos e que é dotado de movimento dialético próprio. em razão dêsse movimento próprio, êsse sistema é que desdobra constantemente a realidade. Assim, o que chamamos de realidade não é um dado, uma coisa, mas um devenir, um processo.

Se a realidade é um processo, ela procede de alguma coisa. Proceder dêsse sistema racional que não é mais que um mundo de conceitos pré-existente ao que chamamos realidade objetiva. Como a verdadeira realidade é êsse sistema de conceitos devemos conceber as coisas que nos são dadas na experiência como um produto dêsses conceitos. Assim é que, para Hegel, êsse mundo que é a razão não pode chegar a ser para-si senão mediante um desdobramento dela em alguma coisa que se opõe a ela ou melhor, que ela opõe a si própria. E assim, para Hegel, a razão, num primeiro momento, se exterioriza, torna-se como diz Hegel um ser-outro, põe algo que sai dela mas que se lhe opõe como algo distinto. E em virtude dessa exteriorização, nessa exteriorização, ela retorna a sua unidade inicial.

Ou seja, num primeiro momento a razão não é consciente de seus próprios conteúdos. Para que isto aconteça, é preciso que seus conceitos se apresentem a ela como se fôsssem algo diferente dela; ela, então, os recolhe e faz dêles conceitos para si. Êste é o movimento fundamental da realidade; é um movimento dialético. Trata-se, porém, de três elementos da tríade que não constituem senão um. Tese, antítese e síntese são modos da consciência. O em-si é o ^{an sich} incôsciente da razão. O fora-de-si é a natureza concebida como uma degradação da razão. O em-si é o termo médio que figura no processo dialético de conversão da consciência em auto consciência. O para-si é a auto-consciência da razão.

Estamos vendo que desta maneira o processo Hegeliano repete aquela divisão que vimos em Fichte da tríade dialética. E isto, em Hegel, vai acontecer para todos os conceitos da razão. O sistema Hegeliano é uma indefinida repetição de tríades dialéticas. Porém, toda vez que se produz a síntese de dois conceitos antagônicos o conceito-síntese contém os dois e mais alguma coisa. Há realmente, um acréscimo na consciência, um acréscimo lógico na representação ao se passar da tese à síntese. Mas que consiste este valor ontológico da síntese? Consiste em que há um acréscimo de consciência no terceiro momento. Isto é, há um para-si na síntese. De modo que o processo é um enriquecimento indefinido da razão, que ^{mas} produz apenas o jogo formal das oposições e das mediações, mas um verdadeiro jogo lógico que é o dialético.

Hegel admite que o produto da natureza vai-se manifestando por meio de dialéticas em graus cada vez mais superiores. No homem é que a natureza começa a produzir a consciência. E, por conseguinte, a consciência de cada um de nós é um produto dessa evolução da matéria bruta. E, a partir da produção da consciência individual, a natureza pode se considerar como tendo o início da sua história. A história é, pois, um produto dessa evolução da natureza. Mas como a consciência, enquanto razão, é aquele mesmo sistema original, cada etapa dessa evolução é a concretização de um dos conceitos que constituem o conteúdo da razão.

Para Hegel, a história figura como um componente do ciclo geral porque a história é aquele momento que corresponde à produção da consciência pela natureza, quando a natureza já evoluiu o suficiente para produzir o ser humano. Só se pode falar de história nessa fase. Assim, a história real figura como um segmento do processo dialético da realidade. E a história é, assim, violentada, porque eu analiso apenas a idéia de uma instituição histórica. Por exemplo, tendo de resolver a idéia do feudalismo ^{de um momento} em duas idéias, que serão antagônicas e se sintetizarão na idéia do capitalismo. Assim, o processo é explicado por uma idealização dos conceitos.

Só figura na superfície da história aquela produção que é uma decorrência lógica necessária de dois produtos anteriores antitéticos. Assim, quando o filósofo reflete sobre a história, ele não deve tratá-la como se fosse um mero caso empírico. O que a história deve ser é a procura do conceito que, num momento dado, concretiza. Mas esta lógica é imanente ao processo, é uma lógica concreta. Não se trata, portanto, de uma lógica da operação mental, como no caso de Aristóteles, porque a lógica deste tipo é formal. Para Hegel, nenhum ser, nenhum valor, nenhuma situação processam se não estiverem na decorrência lógica da realidade.

A lógica, para Hegel, é a estrutura da realidade. Por conseguinte, quando refletimos sobre a realidade, não recolhemos arbitrariamente os dados segundo uma lógica mental. Ao contrário, o pensamento reflete a realidade, porque a lógica é imanente ao real. A lógica é, para Hegel, a essência da realidade porque a lógica é o próprio mecanismo da razão expondo os seus conceitos.

Não se trata de uma razão que tenha de adquirir os seus conteúdos; não é uma razão que realmente produz o novo ponto de vista do atual, isto é, para quem não conhece a razão conscientemente. Quando um fato se produz, o que acontece é que ele se torna claro a uma consciência que agora o percebe. Mas, como conteúdo lógico, ele estava presente eternamente no sistema da razão.

A lógica de Hegel não tende para a verdade porque é uma lógica da contradição.

Para a razão mesma, nenhum fato é novo. Só para as consciências particulares é que um fato pode ser algo novo.

A lógica materialista não admite esse mundo de conceitos pré-existentes à realidade. Ela se vale apenas do esquema triádico dos conceitos. E o novo produzido segundo o materialismo, é um novo inexistente para a razão.

É a obra fundamental do sistema de Hegel. Precede de 12 anos o livro chamado "A ciência da lógica".

Hegel explica porque utiliza a palavra fenomenológica, que na época era original.

(O conceito de fenomenologia não nos deve levar a um engano, porque hoje em dia tem um significado completamente diferente. A partir do trabalho de Bolzano, Brentano e sobretudo de Husserl, cria-se uma escola fenomenológica. Mas esta fenomenologia é diferente). Em Hegel, fenomenologia é a teoria das manifestações da Ideia ou do Absoluto. Em Hegel, a concepção fenomenológica é uma teoria lógica-metafísica, e não apenas epistemológica como em Husserl. A fenomenologia Hegeliana é o estudo dos graus da manifestação do Absoluto.

O essencial é isto: Nós estamos de posse de uma certeza empírica de uma certeza que Hegel chama de certeza sensível. E, quando nos colocamos na perspectiva desta certeza, admitimos que o objeto da certeza existe independentemente do nosso pensamento. Portanto, eu suponho que as coisas existem. Esta é a consciência inicial. O que Hegel deseja é mostrar que esta consciência, sem deixar de ser legítima, conduz, quando analisada melhor, a encontrar outros planos da realidade que se dão ao pensamento que reflete sobre o conhecimento do objeto. O objeto dado deve ser refletido por nós a fim de alcançarmos um outro plano, onde esse objeto é dado também, mas dado mediante a reflexão sobre o primeiro plano já conhecido. Assim, todo plano já conhecido serve como que de superfície de reflexão para alcançarmos outro plano. O primeiro plano é o da certeza sensível.

É quando procuramos aprofundar mais essa certeza sensível que começamos a descobrir que os objetos não são na verdade existentes por si e começam a mostrar como parte de um processo mais amplo que é o do espírito mesmo.

Assim, vemos que a fenomenologia é, em Hegel, a teoria mais geral porque ela é a teoria do movimento da realidade. A "Lógica" compreenderá o processo da realidade no que é tem de conceitual.

O último momento é a consciência em-si. Começamos pela certeza do objeto e terminamos pela certeza de si.

Ao fazermos a análise da relação entre sujeito e objeto, descobrimos que tanto o sujeito como a consciência particular como a natureza do dado particular dependem de uma consciência absoluta. A consciência absoluta é o terceiro termo

mesma consciência absoluta. Na "Fenomenologia..." já se encontra, como vemos, a análise dialética.

A solução empírica será particular. Ela explicará apenas porque e tenho as idéias que tenho. Mas não explicará nunca porque a minha consciência com o outro que não vive a mesma experiência que vivo. É preciso portanto, colocar o caso particular que eu sou e os conteúdos da minha consciência privada no âmbito da consciência como tal, que supera a minha situação privada e minhas representações privadas.

A concepção da harmonia pré-estabelecida não é dialética.

Segundo a concepção dialética, a concepção privada não será possível senão em função da consciência absoluta.

O que o empirismo clássico quer fazer é construir a teoria do conhecimento válida para todos (ou universal) a partir da experiência particular do sujeito.

Mediante o que me é dado é que chego a conhecer o que me é possível ser dado; sem este último não haveria aquele conteúdo para mim e com o qual ele está relacionado. Isto funda a unidade da percepção de todos os indivíduos, mas funda a medida em que cada conteúdo de uma consciência particular está em relação com o todo na medida em que essa relação de privado com o todo é idêntica para todas as consciências. O dado empírico particular é a condição de uma ascensão dialética. É só começamos a descobrir que o dado particular não é independente do espírito quando vemos que ele está em relação com o todo.

Para Hegel, a natureza se explica como uma exigência lógica do espírito. Isto é: a Idéia é fundamentalmente uma existência, não para-si, mas em-si. Ela deve existir fora-de-si, como natureza, para existir depois para-si.

Hegel tem sempre de se ocupar do processo de ascensão dialética a partir da consciência privada. O momento em que ele vai entrar a outra consciência isto é, a consciência do outro, é um momento essencial desse processo. (O existencialismo deve muito a Hegel. O encontro do outro no existencialismo se faz a partir das consciências do eu). Há um momento em que se opõe, não mais o problema da ascensão das consciências, mas o problema da correlação das consciências em ascensão. Porque, quando encontro com outra consciência, o processo não é mais isolado, não estou mais sozinho neste processo. Este momento é capital não apenas para a teoria hegeliana como tal também para a fecundidade deste sistema. E esse tema vai ser essencial não só na obra de Marx, como também no existencialismo na análise fenomenológica de...

consciências. É a parte em que Hegel estuda o encontro de consciências na análise dialética do senhor e do escravo. O que caracteriza, segundo Hegel, o encontro das consciências é a fatalidade da luta entre elas. Portanto, o processo da ascensão da consciência não se faz de uma maneira pacífica. Isto é, a consciência não se encontra com ela mesma sem antes ter combatido com outra consciência que luta pelo mesmo resultado. A presença da outra consciência é indispensável para o desenvolvimento do processo, as consciências têm de lutar entre si. Desta luta, uma delas sairá vencedora.

Esta concepção é importantíssima para o conjunto do sistema hegeliano. O pensamento hegeliano é sempre dialético, mas sempre permeado por essa noção da luta. Trata-se, como diz Hegel, de uma luta de vida ou de morte.

Esta noção da luta é a prova de uma passagem da "Lógica", onde Hegel diz: O pensador que maior influência exerceu em meu pensamento foi Heráclito. Não há, praticamente, nenhuma proposição de Heráclito que eu não tenha incorporado em minha Lógica.

Assim, segundo Hegel, não é possível o prosseguimento do processo dialético sem a luta e a aniquilação de um dos termos pela outra.

O que Hegel quer mostrar é que nas consciências, quando se encontram, poderiam ser consideradas como estando em pé de igualdade. Mas esta igualdade é desfeita porque uma (ou algumas) delas se põe como projeto o prosseguimento da reflexão sobre a realidade, enquanto a outra não fará o mesmo projeto e, então, permanecerá no plano de conhecimento em que está; e por isto, exatamente, que não almeja alcançar um plano mais elevado, constitui num fator de reação contra aquela consciência que quer prosseguir. (Nos místicos nós vemos o tema dos espíritos iluminados, que querem continuar em sua purificação e que são impedidos pelos espíritos maus).

O essencial dessa questão é isto: a necessidade da luta. Não há haver prosseguimento do processo sem luta, sem um encontro combativo. Isto é os homens não se associam de maneira pacífica no prosseguimento do processo.

Hegel considera que a consciência que enfrenta o elemento da vida é a consciência do senhor. A outra, que permanece inversa no contexto, no elemento da vida, é a consciência do escravo. (A palavra elemento, em Hegel, tem uma acepção especial: tem o sentido do que entendemos quando dizemos elemento marinho. Ou seja, significa o mundo da vida.)

Isto é o essencial: Hegel pode superar a posição porque está do lado do método dialético, podendo pensar assim em totalidade.

Vamos analisar em que consiste essa trajetória da consciência.

O ponto de partida é o reconhecimento da realidade na forma como ela se apresenta na vida comum, reconhecimento êsse que implica a certeza sensível. A certeza sensível é a certeza que temos da existência exterior dos objetos.

Mas a Filosofia não pode se limitar a essa certeza sensível. Porque a Filosofia tem como objetivo superar a certeza sensível e indagar qual a verdade desta certeza. A verdade sensível é imediata. Mas a Filosofia tem como finalidade estabelecer a verdade do fundamento dessa verdade sensível.

Desde logo, Hegel estabelece, no prefácio da " Fenomenologia ", uma posição filosófica que vai separar a filosofia anterior. É a dialética. O conceito de verdade para Hegel é diferente do da lógica tradicional. Para Hegel, a verdade é uma forma de existência e simultaneamente uma forma de conhecimento. Mas estas duas formas são complementares, são, uma e outra, expressões da verdade. Portanto, para Hegel, a verdade é expressa, não no juízo, na proposição, e sim no conceito. O que, desde logo, faz com que a concepção hegeliana siga outra direção que a da lógica formal tradicional, clássica.

No conceito, a verdade está sob forma de pura essência; e na coisa, ela está sob forma de existência. Assim vemos que, desde o primeiro momento, Hegel põe os problemas filosóficos de outra maneira.

O conceito hegeliano de verdade foi, na época, revolucionário. Para Hegel, a verdade é uma forma de existência enquanto coisa, e de essência enquanto conceito. Assim, para Hegel, a verdade não consiste na predicação adequada, e sim na ligação adequada entre a essência e a existência. Na lógica clássica, a verdade é uma propriedade do juízo. Portanto, é devido à correlação que se estabelece entre o sujeito e o predicado que se considera haver ou não verdade. Ora, Hegel vai mostrar que a verdade se coloca na ordem do conceito enquanto essência da coisa, e na própria coisa enquanto existência dêsse conceito. Portanto, a verdade está na relação entre o conceito e o objeto, isto é, como vamos ver mais tarde na " Fenomenologia ", o mundo tende a se tornar cada vez mais racional pela realização existencial da essência. O processo da realidade tende a unir a existência à essência. Assim, a verdade é a coisa mesma, e não um julgamento sobre a coisa.

Dêste modo, encontramos nesta teoria de Hegel um dos pontos de origem daquilo que vai ser, em Marx, o conceito de verdade, isto é, a união da teoria e da prática. De fato, a verdade para Marx não será uma afirmação puramente formal, isto é, uma ligação entre o predicado e o sujeito, e sim que o critério de verdade é a prática. Esta é a teoria da verdade concreta.

Assim, Hegel critica profundamente a lógica clássica, e mostra a insuficiência dos processos lógicos tradicionais para constituírem a teoria da verdade ou Filosofia. Porque a concepção lógica clássica divide na proposição um termo e outro sujeito e predicado, e acredita que a proposição se compõe nesse ato de ligar os termos. Ora, isto para Hegel é impossível, porque desta forma não se constitui nunca a verdade, pois que esta ligação não teria um fundamento na objetividade. Porque, por exemplo, ao dizer "papel é branco", eu separo, na lógica tradicional, papel de branco. Mas, na verdade (aqui, Hegel renete os estóicos) não existe

que não fôsse branco, nem branco que não fôsse do papel.

.....

Hegel diz que a verdade consiste no juízo especulativo. E o juízo no qual se compreende que o sujeito se transfere ao predicado, que o sujeito passa a predicado. E é o passar do sujeito em predicado que contém a verdade daquela proposição. Por isso, o juízo especulativo pode ter a verdade, enquanto que o juízo formal não. Isto é, quando digo que o papel é branco, a verdade desta proposição não consiste em que o papel seja um conceito à parte, suportando o conceito branco, e sim em que quando digo isso eu estou captando o transporte do sujeito para o predicado. Se pudéssemos imaginar a operação do juízo no tempo, diríamos que, quando dizemos papel, já o consideramos branco, e que quando dizemos branco o papel se torna branco. A verdade está na possibilidade de o conceito papel mudar-se em branco. O juízo consiste, na ligação abstrata entre dois conceitos, e sim no processo pelo qual o conceito chamado sujeito se mostra em um dos seus predicados. E o conceito branco é específico deste papel, não é comum a todos os objetos. Se o papel não fôsse êste branco, não seria êste papel. E se o branco não fôsse o branco dêste papel, o juízo também seria falso.

Agora, podemos proceder à fenomenologia, isto é, ao exame dos diferentes momentos pelos quais passa a consciência no processo de seu conhecimento.
1º O primeiro momento da consciência é aquêl momento empírico. O momento empírico é aquêl em que julgamos que conhecemos as coisas que estão presentes aqui e agora dentro de nós. Ou seja, na chamada certeza sensível, o objeto dessa certeza é o algo que me é dado aqui e agora. O que a filosofia faz é tomar essa certeza como ponto de partida para dar o fundamento da verdade das proposições sensíveis.

Hegel procede então a uma investigação do que significa isto: ser uma coisa aqui e agora. E demonstra que, na verdade, o objeto dessa certeza sensível não é propriamente o conteúdo do dado aqui e agora, mas o próprio aqui e agora enquanto tais. Isto é: na minha experiência, me são dados alguns objetos num ~~momento~~ e num agora. Mas, quando investigo em que consiste esta experiência, vejo que o fundamento dessa certeza, ou melhor, que a condição de me ser dado êste aqui é que o outro aqui seja negado. Assim, diz Hegel que o aqui e o agora são negatividades. O que constitui o aqui de um certo momento é sempre uma realidade negativa, que só é tal pela negação de um aqui anterior, e que está determinado a ser negado por um outro aqui. Portanto, não podemos construir uma experiência na base do seu conteúdo, mas sobre o que é a condição da possibilidade dela, que é o aqui. Portanto, o objeto da experiência é sempre o aqui e o agora, porque nunca faltam. Porém, são universais.

Assim, descobrimos que, partindo da experiência do objeto singular encontramos que o objeto verdadeiro da experiência não é o singular, mas o universal. E vemos a contradição fundamental da realidade: a universalidade, que é o objeto da experiência, só é dada particularmente.

A análise filosófica acaba de descobrir que o verdadeiro objeto da certeza sensível é o universal, mas esta certeza só é dada num particular, aqui e agora.

Não é o objeto na sua singularidade que é o objeto da verdadeira indagação, mas o aqui e o agora universais. Por outro lado, não é o sujeito que está operando neste momento que é o verdadeiro sujeito da operação, mas um sujeito substituível a esse, um sujeito geral.

Este foi o resultado da primeira análise. Aqui se esgota tudo o que é possível dizer em relação à objetividade.

O processo contínuo, segundo processo do conhecimento é a percepção. Esta percepção é a indagação que consiste em procurar saber o que é este universal que se apresenta nas formas da experiência imediata como aqui e agora. A consciência procura saber em que consiste o universal que é, na sensação, objeto de uma apreensão imediata e momentânea. Que é que constitui realmente a universalidade que vimos ser o conteúdo da experiência? O universal, diz Hegel, é a coisa. Então, os objetos universais são aquilo que constitui verdadeiramente as coisas. Portanto, são os objetos da percepção, e não da sensação como tal. Então, o problema próprio da consciência, no seu segundo momento, momento da percepção, é o de indagar em que consistem as coisas.

A análise da coisa é feita por Hegel com uma grande profundidade. O exemplo que Hegel dá é o sal. Que é que formava o caráter universal da sensação de sal quando eu o senti? Diz Hegel: era o sal enquanto coisa da percepção, e não meramente enquanto objeto da sensação. Enquanto sensação, o sal se resolve num conjunto de dados, de propriedades, que constituem o sal. Ora, a análise de uma coisa nas suas propriedades foi o que fizeram os empiristas. A coisa era um feixe de propriedades, segundo a análise dos empiristas. (Aqui é onde Hegel começa a mostrar como se põe o problema em termos dialéticos.) Os empiristas diziam que não conhecemos o que sustenta essas propriedades. Hegel vai perguntar o que é a "coisidade" da coisa, isto é, o que é que lhe dá o caráter de ser uma coisa. Por que é que uma coisa se apresenta com esse conjunto de propriedades? Para os empiristas, trata-se de um hábito. Hegel mostra que, quando consideramos a coisa resolvida num feixe de propriedades, estamos na verdade considerando a coisa no seu aspecto negativo. Isto é, o que constitui a "coisidade" da coisa é a sua negatividade. Em outras palavras: quando dizemos que a coisa tem um conjunto de propriedades, então cada uma dessas propriedades só existe ali porque ela é a exclusão de uma propriedade distinta, ou seja, ela existe com referência a outra coisa com a qual ela tem ou não uma relação necessária. Assim, quando digo que o sal é branco, o sal só é branco em relação com as condições que o permitem ser branco, como a luz, a sua estrutura cristalina, etc... Isto tudo são condições para o branco do sal. O sal só é cúbico por relação com os cristais que não são cúbicos. Ele é cúbico por exclusão. Assim, toda propriedade presente é uma negação.

Agora, Hegel pergunta: que é que mantém unidas as propriedades de uma coisa?

O sal, para ser branco, elimina o resto do universo que não lhe permite ser branco. Assim, a coisa é, ao mesmo tempo, uma unidade e uma multiplicidade. Ela é

61

uma multiplicidade porque tem um conjunto de propriedades diferentes umas das outras. Ela é uma unidade porque une em si as propriedades diversas que a formam realmente.

Os empiristas apenas consideravam as propriedades do objeto como um feixe, e já se dava o feixe pronto, sem considerar que essas propriedades existem como tais porque excluem outras propriedades. A unidade da coisa é a unidade que repele outras propriedades. A coisa é o que é porque, simultaneamente, deixa de ser o que não é. Este "deixar de ser o que ela não é" é uma relação real da coisa. Esta relação é constitutiva da coisa.

O sal só existe como negação de outra propriedade; assim, este objeto universal, o sal, está sempre pendente do sistema de relações que a totalidade da realidade lhe oferece. Sabendo que a realidade está em permanente movimento, temos de considerar que o conjunto de relações que possibilitam a presença das propriedades do sal está em constante variação. Assim, chegamos a compreender que, quando resolvemos o objeto num conjunto de propriedades, não estamos dando a esse conjunto uma situação estável, e definitiva, mas sim dialética. Por isto é que as negações são positivas: porque, a cada momento, elas estão sendo negadas.

Por exemplo, se a temperatura do ambiente se eleva o sal perde várias de suas propriedades; ou, se for colocado n'água, ele se dissolve. Portanto, as relações que mantêm o sal sólido são relações com todo o universo. O universo inteiro coopera para que o sal esteja cristalizado neste momento.

Descartes dizia que a extensão é a única realidade substancial da cêra. Hegel, se analisasse a cêra, relacionaria a côr da cêra com as côres que ela não tem. Assim, tudo aquilo que a coisa é é o conjunto das negações. Mas, por outro lado, esse conjunto de negações implica a totalidade da realidade. Portanto, o estado geral da realidade está refletido num objeto.

Assim, a resposta à pergunta: que realidade têm as coisas fora da nossa sensação? — a resposta de Hegel é a seguinte: nada nos leva a admitir que o processo da realidade tenha uma tal velocidade de transformação que eu, nelas condições atuais, tenha de revogar tôdas as condições do momento anterior.

Outro aspecto:

O sal, entre as suas propriedades, tem esta: a de ser percebido por um sujeito. Portanto, no todo real a que o sal está ligado para existir está o sujeito que o percebe. Assim, eu percebo que o sujeito da percepção é responsável por algumas das propriedades do objeto percebido. Porque algumas dessas propriedades dizem respeito a ele. Assim, se o objeto as possui por negação, o outro termo da relação é o sujeito, e desta maneira o sujeito está implicado naquele objeto sal. Assim, o sal não está inteiramente livre do sujeito que o percebe. O próprio sujeito perceptivo é uma parte da realidade do sal. Desta maneira, quando nós reduzimos o objeto da sensação sal a objeto da percepção, que é a coisa chamada sal, vamos encontrar o sujeito implicado nesta mesma coisidade, como estava ~~implicado~~ também implicado na percepção sensível. Poderia parecer que só enquanto o dado é dado à sensação é que o sujeito estaria presente. Mas estamos vendo que, mesmo resolvendo o dado da sensação em objeto da percepção, em coisa, o sujeito continua presente, porque algu

Total

Que é que constitui essa coisa que é o próprio universal como objeto da percepção? É uma força, ou um conteúdo dinâmico que produz estes dois efeitos, em primeiro lugar, unifica a multiplicidade de relações que constitui a coisa; em segundo lugar, faz com que essa coisa esteja em ligação com a totalidade da realidade. Isto evidencia que o universo é constituído de movimento. Então, como se explica que ~~mas~~ a estabilidade do real, se tudo aquilo que o constitui é uma força, e portanto uma transformação constante? A resposta a esta questão é dada pela investigação do entendimento.

Fenomenologia

O que para a sensação é particular é para a percepção geral, e o que é para a percepção uma força é para o entendimento a lei. O entendimento é um terceiro momento do processo da consciência que investiga o significado dessa força como essência ou como verdade da coisa.

Ora, a força é um processo interno da realidade da coisa. Mas, se tudo é força, é preciso que o movimento que constitui cada coisa singular esteja harmonizado num movimento geral. Ora, o que exprime a harmonia dos movimentos, diz Hegel, é a lei, porque a lei é por definição aquilo em que se constitui a unidade do movimento. O movimento sem lei é um movimento desordenado. Portanto, a lei é a essência do movimento ordenado e portanto é a essência da coisa. Assim, no conceito que fazemos do objeto no entendimento, ~~XXXXXXXXXX~~ representamos o objeto como força submetida a lei. Ora, ~~uma~~ lei só pode vigorar enquanto lei se se encontra em conveniência com as demais leis das outras coisas. Portanto, ao refletir que a lei de cada coisa necessita estar em conveniência, em unidade com a lei de todas as demais coisas, Hegel descobre que a lei que rege a realidade é, no fundo, uma só. Assim sendo, o que constitui a essência de cada coisa, ou seja, a força que nela está contida, é um momento dessa força universal, dessa realidade única que tem a sua lei própria e que se manifesta em cada coisa particular. Não poderia haver a lei da coisa particular senão como reflexo da lei universal; desta maneira, a lei que rege uma coisa é uma participação na lei única universal.

O que há atrás de toda realidade é uma consciência, porque o que caracteriza a consciência é ser ela uma força submetida a lei. O estudo da consciência nos leva à auto-consciência. Hegel termina com esta tese o que se poderia chamar a primeira parte de sua "Fenomenologia", aquela em que chegamos a descobrir a auto-consciência.

Não há em Hegel nem uma dedução nem uma intuição da auto-consciência. Há sim uma compreensão de que no fundo da realidade o que existe é a auto-consciência. O estudo da estrutura da ~~XXXXXXXXXX~~ consciência constitui a primeira parte da ~~XXXXXXXXXX~~ "Fenomenologia" de Hegel. A auto-consciência é a estrutura de toda a realidade.

A realidade é constituída por êsse mundo da consciência de si. E, assim, aquilo que antes nos aparecia como os diferentes momentos da consciência, passa a

50-50

ser a aparência, e a verdadeira ~~realidade~~ realidade é a auto-consciência ou espírito. O importante na filosofia de Hegel ~~é~~ é que nela não se postula a auto-consciência, e sim que se pretende encontrá-la. Sua filosofia parte de uma relação que ~~é~~ é empírica; e vai por uma análise progressiva dessa relação epistemológica até a compreensão da realidade fundamental da consciência. Assim, diz Hegel, quando Kant imaginava a necessidade de supor uma "coisa-em-si" para explicar os fenômenos, enganava-se inteiramente, porque aquilo que está atrás da aparência não é a "coisa-em-si", mas sim o próprio espírito investigador dessa aparência. O que está no fundo da realidade é o próprio espírito. Desta maneira, o espírito não está propriamente em oposição a um objeto que lhe é externo, e sim que o objeto é uma aparência que o espírito toma para si; e enquanto não sabe que o objeto é a realidade dêle mesmo, o ~~objeto~~ objeto lhe aparece como um outro que êle, mas só enquanto o espírito não pratica a investigação dialética que lhe vai revelar que o objeto é êle mesmo.

[O objeto é o intermediário que possibilita a consciência a chegar à auto-consciência.

A consciência, ao chegar à auto-consciência, mostra o caráter dinâmico de toda a realidade. Na dialética, a oposição é apenas inicial, e se verifica depois da análise que a oposição desaparece. Sou uma parte da realidade, que está em transformação, e em dado momento ponho um objeto a mim mesmo. Mas, só chego à auto-consciência ultrapassando a minha própria consciência individual, como vimos; é preciso superar a minha consciência individual para que eu chegue à auto-consciência.

Diz Hegel: É evidente que, atrás da suposta cortina que esconde um mundo ~~interior~~ interior, nada existe para ser visto, a não ser que nós mesmos vamos lá atrás, não apenas a fim de que nosamos ver, mas também para que haja lá alguma coisa que possa ser vista.

NOTA: — No terceiro momento, a força não é mais um dado sensível. Os dois primeiros momentos são sensíveis; os dois últimos são inteligíveis. A força já é um conceito, e não mais um dado. Mas é um conceito a que chegamos pela análise dialética, e não pela postulação.

A Síntese de Hegel

[O importante em Hegel, em sua concepção, é que o conceito seja interpretado como aquilo em que se representa a essência da coisa enquanto força, e que a essência da força seja interpretada enquanto lei, e que a essência ou verdade da lei seja interpretada como auto-consciência.

Vemos que Hegel, com essa concepção, procura resolver um problema que, à parte dêle, terá uma formulação na história da filosofia. É o problema da dualidade de espírito e matéria. Este problema, posto nas formas clássicas, sempre significa a oposição entre o pensamento e as coisas, e a ~~necessidade~~ necessidade de tentar estender uma ponte entre os dois. Ora, esta situação ~~é~~ é interpretada por Hegel sob uma palavra nova, que daí em diante vai ter uma grande importância: é a palavra alienação. Realmente, Hegel nos diz que, até agora, a filosofia considerou sempre o es-

A Dialética do Senhor e do Escravo — (da "Fenomenologia do Espírito").

Esta parte da ~~XXXXXXXXXX~~ "Fenomenologia" constitui uma análise do processo ~~da~~ da consciência num aspecto que antes nem a Psicologia nem a Metafísica tinham analisado. Trata-se do problema do encontro de consciências. De Hegel em diante, muito se tem pensado a respeito, às vezes em oposição à colocação hegeliana, mas de qualquer modo influenciado por ela.

Mas não podemos compreender a dialética do senhor e do escravo fora da "Fenomenologia do Espírito". Em Hegel, esta parte é um momento essencial do estudo da "Fenomenologia". Por isto, é impossível dissociar o conteúdo dessa teoria do sistema inicial, isto é, do estudo da consciência como ~~tal~~ tal. Por isto, é preciso fazer antes uma breve recapitulação do que foi ~~anteriormente~~ anteriormente dado.

O sistema de Hegel é uma concepção evolutiva do real. Uma vez criada a consciência, como vimos, ela passa por diversas fases do seu processo consciente a partir daquela condição de mera apreensão do dado sensível até lograr a auto-consciência. Por isto é que dissemos que anteriormente estudamos a consciência. Porém, chegados ao último grau do processo da consciência, vimos que a consciência descobre no fundo da realidade a ela própria. Assim, a consciência é consciência de si mesma. Ela se descobre como consciência de si, e não como consciência de um objeto distinto dela. Isto é essencial para mostrar que a passagem da consciência enquanto representação pura para a auto-consciência não é feita artificialmente em Hegel. Ao contrário, ela está na lógica da sua teoria evolutiva da realidade. Isto é, a realidade mesma é que, em dado momento, se apresenta como consciência de si ou auto-consciência.

Isso significa que eu, que fiz essa reflexão, chego num dado momento a me descobrir como uma auto-consciência. Ora, ao descobrir-me como uma auto-consciência ou consciência de si, descubro que esta consciência exige uma certeza de si para poder prosseguir no seu processo próprio. Isto é, nas fases anteriores, encontramos a verdade da consciência no objeto. Mas agora, não havendo mais o objeto, onde se encontra a verdade desta consciência? Onde ela encontra a verdade de si? Temos de reconhecer que esta verdade de si ela a encontra primeiramente em si. Portanto, ela se apresenta a si própria como uma verdade de si. Mas esta verdade permanece, diz Hegel, subjetiva. Isto é, a consciência de si sabe que é uma consciência de si, mas o sabe no interior de si própria. Ou seja, a verdade dela como auto-consciência só é conhecida por ela mesma; é uma verdade subjetiva. Ora, como sabemos, para Hegel a verdade é sempre objetiva. Assim, uma verdade que permaneça subjetiva não é uma verdade completa; é uma verdade que ainda está necessitando objetivar-se para se constituir em forma plena. Portanto, enquanto a consciência de si for a sua própria verdade para si, ela permanece no mundo subjetivo que é o seu e privada da verdadeira verdade, isto é, da verdade objetiva.

Como é então que ela pode encontrar essa verdade de si em forma objetiva? E que significa agora a objetividade da verdade para uma auto-consciência? Significa um reconhecimento que essa auto-consciência encontra de sua verdade própria em outra consciência de si.

Repetindo:

O indivíduo que, depois da análise fenomenológica, sabe que é uma auto-consciência, o sabe apenas subjetivamente. Ora, a verdade é sempre objetiva. Portanto, o que a consciência nesse grau deseja é encontrar o reconhecimento de si em ^{em outra consciência} de si. Que vem a ser isso? Vem a ser a declaração, feita por uma outra auto-consciência de que a primeira é uma auto-consciência. Assim é que ela é reconhecida.

Desta maneira, o que a consciência agora precisa para poder constituir-se a si própria na sua verdade é o que Hegel chama reconhecimento. Porque, enquanto a consciência apenas sabe de si ou tem a verdade para si, ela ainda não ultrapassou a esfera da subjetividade. A certeza objetiva só existirá quando ela for reconhecida por outra auto-consciência.

Assim estamos vendo que o processo da auto-consciência, daqui em diante, impõe o encontro das auto-consciências, impõe a necessidade do convívio das existências, porque uma consciência de si não pode prosseguir no processo de sua própria compreensão de si sem o auxílio da outra.

Nas fases iniciais, a consciência podia encontrar a verdade de si, uma vez que ela a encontrava nos diferentes graus da realidade objetiva. Mas agora, tendo chegado a mostrar o caráter racional da realidade, a consciência exige, para tornar para si a verdade de si, o reconhecimento por uma outra auto-consciência.

Estamos vendo que Hegel mostra que o encontro das consciências é uma fase necessária do processo metafísico da consciência. Isto é, a consciência necessariamente exige êsse encontro com outra auto-consciência. Ainda não se trata da dialética do senhor e do escravo. Há, primeiramente, a experiência da exigência de reconhecimento. Depois é que essa exigência de reconhecimento vai determinar que as duas consciências que exigem se estabeleçam num desnível metafísico, o que vai então fazer de uma o senhor e da outra o escravo. Assim, a experiência da senhoria e da servidão é uma decorrência da exigência de reconhecimento.

Cria-se, desta maneira, o seguinte panorama: as consciências pertencem a seres vivos. Assim, as consciências estão imersas no elemento da vida, isto é, no meio vital, porque a condição para que haja consciência é haver vida. Ora, cada consciência individual é, enquanto considerada na sua realidade objetiva, uma coisa viva, isto é, ela é ainda, na sua origem, apenas vida, vitalidade, coisidade viva. Portanto, quando esta consciência, que é apenas uma coisa viva, começa a sua ascensão auto-consciente e descobre que para certificar-se de si própria na sua própria validade de si precisa de um reconhecimento de outra auto-consciência, ela vai encontrar essa outra consciência no mesmo meio vital em ela se encontra. A outra consciência ligada ao meio da vida. Mas ela não poderá encontrar neste outro indi-

víduo o reconhecimento de que ela necessita sem reconhecer nele também uma auto-consciência idêntica à sua. Porque o que ela deseja é a confirmação dela mesma por outra consciência de si. Ela tem de dar as condições para que algo se torne consciência a fim de poder reconhecê-la. Portanto, vemos que se inicia aqui a dialética das consciências. Eu preciso reconhecer o outro para que ele me reconheça. Portanto, eu preciso reconhecer o outro como um sujeito para que ele me reconheça como sujeito. Portanto, torna-se necessário que se estabeleça assim o encontro das consciências que podem reconhecer-se umas às outras.

Mas, neste momento, Hegel descobre um fato que para ele é essencial. Ele descobre que esse encontro das consciências, do qual vai resultar o reconhecimento de uma pelas outras, não é um encontro pacífico, mas sim uma luta de vida ou morte. Isto é, uma luta de prestígio, como diz Hegel, na qual a consciência que realmente exige o reconhecimento é obrigada a superar a condição da outra consciência, isto é, estabelecer um desnível com ela, para poder afirmar-se a si própria na sua condição de consciência de si. É preciso subjugar a outra consciência para ~~XXXX~~ ascender ao grau de auto-consciência e para que se dê na outra consciência o reconhecimento que eu exijo. E esse reconhecimento só pode ser conseguido por alguma consciência que domine as outras.

NOTA: Hobbes e Rousseau influenciaram em Hegel, neste ponto.

Como é possível encontrar a outra consciência que reconheça a minha auto-consciência? É possível, diz Hegel, desde que realmente as consciências tenham travado uma luta inicial em que algumas impõe às outras a sua situação de dominadora. Para isto Hegel mostra que é preciso que alguns indivíduos tenham ousado arriscar a sua própria vida para emergir do elemento da vida. Porque, enquanto os indivíduos estão imersos no contexto da vida, eles não são uma auto-consciência, mas apenas uma consciência. A consciência emerge para o plano próprio da auto-consciência quando o indivíduo supera o elemento da vida ou, como diz Hegel, quando ele faz a negação da vida. Ele então põe para si como objetivo a negação da vida, e essa negação é a condição para a sua ascensão à auto-consciência.

Que vem a ser negar a vida? É, segundo Hegel, arriscar a vida. É quando o indivíduo cultua objetivos que não são interesses puramente vitais, que não são exigidos pela sua condição biológica. Para sair do elemento da vida, é preciso que o indivíduo se ponha como objetivo certos desejos pelos quais ele se alça fora do plano da mediocridade geral. Mas, ao pôr esses objetivos superiores, ele está ~~XXXX~~ subordinando-se a objetivos que não são objetivos vitais. Está, portanto, negando a vida, como diz Hegel.

Assim, para prosseguir no caminho da ascensão da consciência, uma vez que nesse plano a consciência se confunde com a vida, ele tem de sair da vida. Ora, diz Hegel, a negação da vida não pode ser feita pela morte. Porque a morte é uma simples negação material da vida, melhor dizendo, porque a morte não é uma negação dialética da vida. Se o indivíduo que quer negar a vida apelasse para a morte, ele não a teria negado, porque a morte é apenas a supressão da vida. É preciso negar a vida

A Dialética do Senhor e do Escravo (continuação)

O reconhecimento de si é uma situação mediatizada por outro reconhecimento de si. Esta situação determina a diferença das consciências, isto é, uma enfrentando o elemento vital, outra permanecendo imersa nele. Mas a consciência de si do senhor, que quer ser reconhecida, vai ser levada a uma situação, que mais tarde Kierkegaard chamará de irônica, que é a situação de pretender uma empresa impossível.

Porque, para poder encontrar o seu aplauso como reconhecimento de sua consciência de si, ela faz da outra consciência uma consciência em si. E, portanto, ela não consegue fazer da sua própria consciência uma consciência para si, porque o mediador dessa passagem é uma consciência em si, uma consciência que não é capaz daquele reconhecimento.

Esse jogo de consciências é válido, não só para o caso do senhor e do escravo, mas também para todos os casos em que há consciências complementares: juiz-réu, professor-aluno, etc.

Há sempre necessidade de uma Mediação para que a consciência se torne uma consciência para si. Por exemplo, para que eu, enquanto consciência em si de professor, me tornar uma consciência para si de professor. Exijo o reconhecimento de outra consciência que é complementar à minha situação de consciência.

Mas o senhor é uma consciência que ~~se~~ necessita da mediação de uma consciência escrava, sem reconhecer nesta a condição primordial para que ela o reconheça como ele deseja. Quem é o escravo? (Hegel emprega a palavra servo). É um indivíduo que, segundo Hegel, no combate vital inicial, não ousou pôr em risco a sua vida, e sim que permaneceu ligado ao interesse vital, ou seja, permaneceu prêsos aos seus interesses materiais, à conservação de sua existência, e por isso não enfrentou o outro no jogo da existência. E assim ele é um indivíduo que está imerso na e inteiramente voltado para a existência exterior, para o mundo material, no qual ele está inserido e que ele maneja. Mas, subjetivamente, ele reconhece no senhor aquele que realizou aquilo que ele próprio não fez, isto é, o gesto de negação da vida. E o escravo, por isso, sente dentro da existência uma situação de temor; como não negou a vida, ele está permanentemente sentindo temor pela sua vida. ~~Ele~~ Ele está constantemente ameaçado no terreno da vida.

Ao contrário, o senhor não teme pela vida, precisamente porque, no que se vai chamar "o lance da vida", pôs toda a sua existência. E o escravo tem o temor pela vida e o tremor pela presença augusta do senhor. Ele teme pela sua conservação, e esse temor se manifesta pelo tremor diante daquele que fez o gesto que ele não fez.

Leublar: "Temor e Tremor", de Kierkegaard.

Ora, essa situação conduz o escravo a manter-se ligado ao trabalho. Então, o escravo é aquele que trabalha a realidade. E com o seu trabalho ele serve ao senhor. Assim, o escravo produz o que o senhor não produz e que apenas consome. Diz Hegel: o escravo, na verdade, não é escravo do senhor, mas é escravo da vida. Porque é em relação à vida, pela qual ele teme e a qual não quer perder, que o

ser escravo. O escravo poderia desertar da situação de escravo pelo suicídio, mas isto ele não faz, porque ele não quer perder a vida, e por isso fica prêso ao trabalho que executa. E o senhor, que ousou enfrentar a vida, arrisca, porque não trabalha, a perder a sua vida, mas é precisamente êsse lance que vai fazer com que ele se levante sôbre os outros e os domine. O senhor se destaca do plano da vida, e se utiliza dos produtos que o escravo produz. E assim o senhor não tem mais contato direto com a realidade, mas apenas através do escravo; ele agora maneja, não a realidade, mas a consciência do escravo.

O senhor consome o que não produz, e o escravo produz o que não consome. A idéia de consumir é muito profunda em Hegel. Para Hegel, consumir é gozar. Mas êsse gozo é ao mesmo tempo uma aniquilação. Aquilo que se consome desaparece. Assim, quem consome o produto nega o produto. E o escravo, não consumindo, exatamente não nega o produto do seu próprio trabalho. Quem vai negá-lo é o senhor, que não o produz. E aqui se encontra o jôgo das consciências. O senhor vê que é escravo porque consome tudo aquilo que ele não produz; e, portanto, o senhor é na realidade/ um escravo do escravo, como diz Hegel. Ele é dependente do escravo, que produz tudo aquilo cujo consumo é que dá ao senhor a sua situação de senhoria. Portanto, ele só é senhor enquanto ~~depende~~ depende do escravo. E é no produto que o senhor apreende visivelmente a sua situação de senhor. (O trabalho, para Hegel, é apenas a ação sôbre o mundo). Essa independência dependente do senhor é a contradição irreduzível da situação de senhoria. O senhor só verificará que é uma consciência para si ~~se verificar~~ se verificar que ele realizou seu destacamento em relação à vida. Mas isto ele reconhece quando consome as coisas que ele não fabricou. E então ele também reconhece que depende do trabalho do escravo. Portanto, sua independência não é absoluta. E a mediação do senhor é feita por intermédio da consciência escrava, o que é uma mediação imperfeita. O paradoxo ou a ironia da situação do senhor é a independência dependente.

Como o escravo não consome o objeto que produz, ele vê que o objeto por ele produzido constitui uma alienação de sua objetividade. Ao fabricar, o escravo se identifica com a coisa fabricada. Mas depois, quando essa coisa lhe é arrebatada das mãos, ele vê que essa coisa é alienada d'ele. Assim, o escravo percebe que todo o fruto de seu trabalho lhe é tomado. E o escravo percebe que jamais poderia constituir a sua verdade, pois que a sua consciência vai eliminada com o objeto que ele produz. Mas, ao ver que é por meio d'esse objeto que o senhor se torna senhor, ao consumi-lo, o escravo tem a clarificação de sua situação, isto é, percebe que, na verdade, é ele próprio o senhor do senhor. E, segundo Hegel, com isso se estabelece o equilíbrio entre as duas situações: o senhor descobre que é escravo do escravo, e o escravo descobre que é senhor do senhor. Segundo Hegel, esta situação faz com que o senhor e o escravo fiquem quites.

O escravo encontra a sua auto-consciência por intermédio do produto de seu trabalho. E o senhor encontra a sua auto-consciência por intermédio da consciência do escravo. Esta diferença é essencial. A consciência do senhor é uma consciência mediatizada pela consciência do escravo. Mas a do escravo é mediatizada pelo trabalho

lho. ~~Porque~~ Porque, quando ele reconhece que o objeto que produz é uma parte da sua consciência, o escravo vê no objeto não mais uma coisa, mas um conteúdo da sua própria consciência. Assim, aquela alienação que antes lhe aparecia como sendo a sua perdição, já não é mais, porque o que o senhor consome não é a parcela da consciência..... O escravo só sofre de alienação enquanto julga que trabalha u ma coisa morta. Mas, quando ele vê que, ao fazer o objeto, põe algo de sua própria consciência, então o objeto é vivo para ele, é uma parte dele, embora arrebatada por outro; mas o mundo já não é mais estranho ao escravo. E essa é a via da ascensão. O escravo pode encontrar a autoconsciência, isto é, a verdade de si, por intermédio do produto de seu trabalho, e não através de outra consciência.

Para o escravo, a mediação para a autoconsciência é um fora de si que é o produto. Enquanto que, para o senhor, a sua autoconsciência ou consciência para si é feita através de outra consciência, na qual porém ele jamais ~~encontrará~~ encontrará esse reconhecimento, porque ele encontra uma consciência não-livre. No caso do escravo, a mediação dialética, a antítese que constitui o termo médio que permite a síntese da realidade em si a fim de chegar a para si, não é outra consciência, mas o produto do trabalho do escravo. ~~Esta~~ Esta é uma situação essencial. Enquanto, realmente, o produto do trabalho do escravo lhe fôr arrebatado para o consumo do senhor, o escravo não realiza de fato a sua consciência para si. Mas, no caso de Hegel, isto é uma questão simplesmente de que o senhor veja no trabalho a consciência do escravo.

O que MARX vai ver é que esta compreensão de Hegel é somente um mito. Colocada em termos concretos, a alienação só se resolve desde que o trabalhador consuma o produto de seu trabalho. Dialéticamente, só depois de consumir o produto de seu trabalho é que o trabalhador alcança a sua autoconsciência.

Para Hegel, o escravo se compensa quando vê que o senhor só é senhor enquanto depende do trabalho do escravo.

Para Marx, o que é preciso é que o escravo retome o objeto e o consuma, e assim suprima a alienação. (A alienação é o próprio produto enquanto ainda não consumido).

A concepção do trabalho, em Hegel, é de uma extrema fecundidade. Mas, por que Hegel trata do trabalho em abstrato, nada se especifica. O esquema hegeliano é a questão vista em sua ~~pureza~~ pureza lógica. O que Marx fez foi ver duas coisas. Primeiro, que não havia uma ^{compensação} ~~XXXXXXXXXXXX~~ real no reconhecimento do escravo de que é o senhor do senhor. Esse reconhecimento é uma pura abstração e jamais compensaria a situação concreta da escravidão. E, em segundo lugar, (o que revolvía inteiramente essa doutrina) é que, se é assim, essa situação não tem nada de metafísica, como pensava Hegel, não é eterna, mas é um produto de uma particular maneira de realização do trabalho. É um produto histórico, produto de um determinado regime de produção, e, como não é nada de metafísico, é uma coisa que pode ser suprimida, desde que se alterem as condições em que se realiza a troca do trabalho.

Ver: ENGELS — em "Origem da família..."; ver a sua análise da ~~história~~ história de Robinson Crusoe. O que vai determinar a situação senhoria-escravo é o passado histórico de cada uma das consciências que se defrontam. (R. Crusoe tinha uma carabina, fruto da metalurgia inglesa e de sua técnica).

O escravo produz mais do que o necessário para manter a sua ^{própria} ~~própria~~ vida. Porque ela produz para manter a...

A Fenomenologia (continuação)

Há dois outros pontos, na "Fenomenologia", que são importantes porque influenciaram em outras correntes de pensamento.

A escravidão conduz à liberdade. Mas, ao contrário do que acontece com o senhor, que não conquista a liberdade, e sim que se instala nela, a liberdade é verdadeiramente conquistada pelo escravo, é uma liberdade concreta, e não meramente abstrata como a do senhor, que se proclama senhor. Se os outros o reconhecem como senhor, êle é senhor. O senhor se instala abstrato, enquanto que o escravo conquista verdadeiramente a liberdade. Assim o escravo é o processo da consciência na sua conquista da liberdade no setor puramente vital dessa conquista. Portanto, é ainda a forma ~~mais~~ mais elementar da conquista da liberdade, mas real. Enquanto que a liberdade do senhor é uma ^{independência} ~~dependência~~ que depende do reconhecimento do escravo, e é portanto contraditória. Já o escravo conquista a sua liberdade, não por mediação de outra consciência, mas pelo trabalho. No setor vital a liberdade é vivida em termos de liberdade vital. Ela não é ainda pensada, ela é vivida; e a liberdade chega a outro setor de seu curso quando ela chega a ser pensada, e não apenas vivida.

Assim vemos que, para Hegel, o pensamento da liberdade é algo superior à mera vivência da liberdade. E o Estoicismo é para Hegel o momento da consciência em que esta se eleva à condição de pensamento. Até então, o escravo está empenhado na sua tarefa vital, na conquista da sua existência, e êle trabalha para mantê-la. Por isto êle só conquista a liberdade na medida em que êle vai negando o produto ~~que~~ que é a negação dêle próprio, isto é, que é a negação da sua liberdade. O produto é visto pelo trabalhador como a prova concreta da sua condição de escravo. O trabalhador é aquêle que faz o produto. E assim o produto está ^{ligado} ~~unido~~ existencialmente ao trabalhador. E por um vínculo mais do trabalhador para o produto do que do produto para o trabalhador. Porque o produto é um em-si. E o trabalhador é um em-si que aspira a ser para-si. E quando o trabalhador pergunta que é êle mesmo, êle tem de responder que é aquêle que faz o produto. Êle só pode libertar-se se puder negar a sua negação, isto é, negar o produto, dizendo: eu não sou aquêle que faz o produto. E esta negação não pode ser apenas formal, porque seria uma mentira. Tem de ser uma negação dialética, isto é, uma superação. E esta superação se dá quando o trabalhador vê o produto como uma parte de sua própria essência, e não mais como algo oposto a êle, trabalhador. O produto, então, já não é mais uma materialidade que nega o trabalhador, e sim que na superação o trabalhador reconhece que, fazendo o produto, êle faz mais real a idéia que êle mesmo tinha do produto. Agora, a consciência é, depois da reflexão sobre o produto, uma auto-consciência. E isso o trabalhador faz pensando o produto. Porque quem se apropria do produto é o senhor. Mas o senhor não nega dialeticamente o produto, e sim pelo uso, pela destruição do produto. E a negação do escravo é ~~uma~~ negação dialética, é superação. O escravo recupera o produto pensando a idéia do produto. A negação senhorial não produz um acréscimo da consciência do senhor. O senhor apenas ^{melhora} ~~melhora~~ de vi

da. A verdadeira superação é aquela que se faz pelo pensamento. Porque é uma superação dialética; é uma melhora da consciência.

Assim, a saída da servidão, para a consciência, é o pensamento. Este momento é o que Hegel chama "o momento estóico da consciência". Assim, aquele estoicismo da antiga Grécia foi o momento em que a consciência era livre para pensar sobre a liberdade. ~~EM~~ É apenas a idéia da liberdade; apenas se vive em idéia a liberdade.

O ceticismo é um outro momento da consciência, o momento em que a consciência duvida. A consciência encontra a liberdade como idéia na sua realidade enquanto estóica. Mas apenas por algum tempo a consciência se satisfaz com a liberdade enquanto idéia. Quando a consciência percebe que não está vivendo na realidade a liberdade, ela atravessa a fase da inquietação, da dúvida. É a fase realmente cética. Não se trata de doutrina filosófica estabelecida. É uma fase pela qual a consciência passa e que resulta do seu reconhecimento da não correspondência entre a idéia da liberdade e o fato da liberdade. Então, ela duvida. Não é no momento da escravidão que ela duvida, porque neste momento ela não tem consciência de sua situação, ela está alienada. A consciência vai descobrir que não tem a liberdade de fato só numa fase adiantada, numa fase posterior ao estoicismo. Só então é que a consciência descobre a não adequação entre a sua idéia e o fato. Então, a consciência passa por um momento cético.

De que maneira a consciência sintetiza êsses dois momentos, o estóico e o cético? Porque êstes momentos são opostos: no primeiro, a consciência tem a liberdade como idéia, no segundo ela não tem a liberdade como ela deseja. Ela sintetiza êsses dois momentos na "consciência infeliz". O que Hegel chama de "consciência infeliz" é realmente o momento da síntese insuficiente entre a liberdade pensada e a liberdade vivida. É uma síntese que é dolorosa para a consciência. A consciência já se eleva como consciência de si, mas ela ainda se encontra acorrentada ao acontecimento singular. Por outro lado, ela, como consciência de si, se percebe como idêntica a ~~si~~ si mesma, mas é obrigada a reconhecer que toda tentativa que ela faz para alcançar a liberdade que ela deseja é sempre dada num acontecimento singular, que é uma forma finita da liberdade. Em outras palavras, a "consciência infeliz" consiste no reconhecimento de seu desejo infinito de liberdade e da realização apenas singular, finita, dessa liberdade. Trata-se de uma infelicidade metafísica, da qual, segundo Hegel, decorre a infelicidade finita, psicológica. Hegel vai mostrar que a infelicidade real, vivida pelo indivíduo psicológico, só é possível devido ao caráter infeliz da consciência. (Ver o Existencialismo). Toda determinação da liberdade é uma negação da liberdade, porque todo gesto de liberdade é um gesto limitado de liberdade. É uma liberdade que é apenas de escolha, e que escolhendo se limita a si própria. Assim, nenhum ato concreto de liberdade constitui a realização plena da liberdade que a consciência almeja. Desta maneira, o ~~indivíduo~~ indivíduo é uma liberdade negada pela própria liberdade. É o livre infinito que, para ser real, é obrigado a ser livre finitamente. (Êsse tema é essencial a todas as escolas existencialistas, que vão fazer dessa consciência infeliz a consciência autêntica. A consciência inautêntica é aquela que desenvolve a contradição entre a sua essência

A Ciência da Lógica:

Hegel III

O problema é o da verdade dos conceitos. Porém, esta verdade é de natureza concreta. Portanto, é encontrada num mecanismo criador do conceito, que é o próprio mecanismo da realidade. Só da perspectiva do pensamento abstrato é que o conceito se produz destacando-se da coisa que ele representa. Porém, no sentido hegeliano, o conceito é a verdade da coisa. Portanto, o conceito transporta aquilo que Hegel chama "a essência da coisa". Ora, a essência é a verdade da coisa, e portanto o problema real da lógica é o de analisar a forma como a essência de uma coisa está realizada na existência desta coisa. Se não houvesse a compreensão de que a realidade está em permanente movimento, os conceitos se destacariam das coisas e poderiam existir na mente do indivíduo apenas. Na realidade, porém, os conceitos são os universais concretos. Porque não se destacam das coisas. É o pensamento que vai encontrá-los na sua realidade concreta. E, portanto, só os pode descobrir na medida em que expressem o movimento da realidade que lhes dá origem. Ora, esta é, segundo Hegel, a concepção dialética da lógica, oposta à concepção formal tradicional. De maneira que não é tanto a questão de que Hegel tenha renovado o conceito de categoria, tomando de Aristóteles e imaginando num sentido dinâmico. Também a lógica de Aristóteles é destinada a explicar o movimento, a tornar o movimento racional, ao contrário de Platão, para quem o movimento era irracional. Não é nisto que está a originalidade do pensamento hegeliano. Hegel assume apenas a tarefa da lógica de Aristóteles. A sua originalidade está em que ele concebe num novo estilo de pensar a formação das categorias, que não são apenas a expressão de um mundo em transformação, mas sim que são os produtos desta realidade mesma em movimento. Para Hegel, é a realidade mesma que determina as categorias. Portanto, neste traço é que está a essência da dialética.

A dialética pode ser caracterizada de duas maneiras: pode-se fazer a sua caracterização negativa e a sua caracterização positiva. Portanto, é possível tanto a compreensão da dialética como negatividade quanto sua compreensão como positividade. No primeiro sentido é que vamos hoje examinar a questão da dialética. A dialética como negatividade.

Pode dizer-se que a dialética negativa tem um duplo significado. Em primeiro lugar, ela significa o repúdio à concepção clássica da lógica formal, que acreditava que as categorias são um produto do pensamento, com sucesso aplicado à realidade. Por outro lado, a dialética é negativa não só porque ela nega as categorias, mas porque nega o próprio ser atual da realidade, considerando que a verdade dessa realidade só se pode obter quando se coloca o ser ou a coisa na perspectiva da sua ascensão ou da sua marcha para a sua própria verdade. Isto é, quando se admite que existe uma diferença, um desencontro entre a essência da coisa e o seu estado de existência dado. Eis aí os dois aspectos principais da dialética negativa: de um lado, ela nega o valor das idéias categoriais, abstratas; no que ela se coloca em oposição ao sentido comum, que era a fonte da intuição aristotélica. (Para Aristóteles, o pensamento encontra em si mesmo as suas leis mais gerais, e por evidência imediata ele capta esses primeiros princípios com os quais ele pode captar

RS - comp. hist. do movimento da

cular êsse sistema de conceitos que poderiam interpretar a realidade. Embora haja o mobilismo em Aristóteles.) Hegel nega isso e diz que a fonte das categorias é a própria realidade. Em segundo lugar, a dialética é também negativa porque ela significa que nós não podemos compreender a coisa na sua exclusiva realidade atual ou dada. Nós só podemos alcançar a compreensão do dado quando o negamos, isto é, quando negamos que êle contenha, como dado, a totalidade da verdade da coisa. Isto é, quando o negamos como dado para descobrir a sua verdade na aproximação que êle, como existência, está realizando em relação à sua essência. Portanto, para que isso possa ser feito, é preciso que eu o negue como dado. Porque, se eu não o nego como dado (como faz a lógica clássica), eu o aceito e aceitando-o eu o imobilizo, e só procuro o conceito que lhe corresponde como dado. Eu só alcanço a verdade da coisa, segundo Hegel, quando nego, porque se eu não nego, interrompo o processo e sou levado a crer que me compete criar um conceito de fora (na abstração). A dialética é a lógica da realidade desde que ela negue a realidade. Ela nega o dado para ter a essência. Estes são os dois aspectos fundamentais da dialética: a negação das categorias abstratas e a negação do dado. Desta maneira, diz Hegel, nós podemos fazer a reflexão, isto é, a inversão do pensamento e a descoberta de que a coincidência da nossa razão com os objetos tem de ser feita de maneira dinâmica, isto é, no curso do processo, e não numa adequação externa entre uma idéia e uma coisa. Deveremos encontrar a realidade, porque nos transformamos naquele mesmo movimento que é próprio da realidade.

O aspecto negativo do pensamento de Hegel é o principal. Porque, desta forma Hegel é levado a fazer a crítica dos conceitos clássicos da lógica, mostrando quanto há de arbitrário nos conceitos de que geralmente se vale a concepção lógica tradicional.

Arbitrariedade da log. formal

Há muitas arbitrariedades na concepção lógica tradicional. A primeira delas é o conceito de identidade. Este princípio exige que, para a compreensão de alguma coisa, eu a considere como idêntica a si própria, como idêntica em dois momentos de sua existência. Esta compreensão é errônea em matéria de lógica, segundo Hegel. Ela é infiel à realidade, porque na realidade A não é igual a A. Esta era a fonte de todas as insuficiências e inverdades da lógica tradicional.

O pensamento de Hegel, ao contrário, é de que o princípio fundamental da realidade é o princípio da contradição. Exatamente neste ponto é que sua dialética se opõe a tudo aquilo que até agora tinha sido feito em filosofia. E Hegel mostra muito bem que a expressão $A = A$ é uma tautologia. Mas, como poderia fundar-se uma teoria da lógica sobre uma expressão que não tem sentido definido? sobre uma expressão que é simplesmente a reiteração do conceito, e não a sua exposição? Se eu reiterar um conceito, evidentemente eu não digo nada mais do que digo num primeiro momento. A repetição não pode realmente constituir uma predicação. Quando se pergunta qual é o conteúdo do princípio $A = A$, vê-se que êle não tem conteúdo. Êle não nos diz nada sobre A. Esta proposição é válida, mas nada nos diz sobre A. Por que ela é válida, se nada nos diz sobre A? Essa proposição não expõe nada sobre A. Assim, essa proposição, na verdade, não é uma proposição, porque ela não tem predicado. Então, como fundar a lógica sobre um princípio único que não é uma proposição

Assim vemos que em tôda a lógica formal há um êrro radical. Isto é, o princípio da lógica tem de ser necessariamente uma proposição que exprima alguma coisa em relação ao sujeito. Ora, o princípio $A = A$ não diz nada, porque êle é válido de tal maneira que só por abstração de A é que podemos mantê-lo como princípio. Mas abstrair A do que A realmente é é fugir à realidade, isto é, é fazer uma lógica de caráter puramente abstrato.

Diz Hegel: se pergunto que é uma planta, e se alguém responde: uma planta é uma planta, evidentemente essa resposta é válida, porque ela exprime êsse princípio: $A = A$. Mas não nos diz nada sôbre uma planta. A proposição seria aquela que dissesse alguma coisa distinta de planta. Mas alguma coisa distinta de planta é o que ela não é. Portanto, o princípio que vai constituir a possibilidade do pensamento concreto não é o da identidade, mas o da não-identidade, o da contradição efetiva. Eu só poderei dizer alguma coisa de A quando eu disser de A alguma coisa diferente de A. Então o princípio da lógica não é $A = A$, mas $A = \text{não-A}$. Portanto, deve haver uma contradição entre aquilo que o sujeito é e aquilo que o predicado é. Porém, essa contradição não deve ser interpretada como uma contradição de caráter meramente formal. Isto é, não se trata de uma contradição meramente exclusiva, mas de uma contradição inclusiva, uma contradição interna. É a contradição interna à realidade que funda a lógica. Assim, a contradição é interior à realidade, e não uma contradição meramente externa. É a contradição entre a coisa dada num instante e ela mesma dada num outro instante.

Eis porque a lógica tradicional não podia nunca penetrar na essência da realidade e deve contentar-se com ficar na superfície da realidade, formando uma rede de conceitos que, embora tenda a abranger o mundo, não chega a isso, porque só é possível apreender a essência lógica da realidade quando se constitui, não a rede que deveria envolvê-lo, mas quando se descobre a estrutura interna da realidade.

Diz Hegel: tôdas as coisas são em si mesmas contraditórias, no sentido em que êste princípio exprime a verdade e a essência das coisas. A contradição que surge na oposição é apenas o nada desenvolvido que está contido na identidade e que se exprime nisto: em que o princípio de identidade nada diz. É um dos preconceitos da lógica até agora e da compreensão comum que a contradição não seja uma determinação tão essencial e imanente quanto a identidade, pois se se tivesse de discutir a prioridade e manter ambas essas determinações separadas, deveríamos considerar a contradição como a mais profunda e a mais essencial, pois em face dela a identidade é apenas a determinação do simples imediato, do ser morto. Ela (a contradição), porém, é a raiz de todo o movimento e de tôda a vida. Só na medida em que uma coisa tem em si mesma uma contradição é que ela se movimenta, tem impulso e atividade.

Já na própria experiência comum se descobre muitas coisas que têm condição inteiramente contraditória. Mas já os antigos filósofos tinham visto êsse mesmo fato. Anenas êles concluíram daí que o movimento era irracional, quando o que se devia concluir é que a razão é contraditória.

Diz Hegel: devemos conceder aos antigos dialetas a contradição que êles viam no movimento. Mas devemos concluir daí que o movimento é a realidade.

A Ciência da Lógica (continuação) —

A dialética é negativa enquanto procede à negação das categorias que até agora tinham configurado a lógica tradicional. Mas ela é negativa também enquanto nega a realidade a que estas categorias pretendiam aplicar-se. As categorias aristotélicas eram induzidas do real, mas são falsas como idéias porque o real do qual elas são derivadas deve ser negado, e não afirmado.

A lógica é, para Hegel, a teoria da negatividade, isto é, entendida como a teoria do caráter negativo da realidade. A negação é, para Hegel, apenas indício de que estamos em presença de uma realidade que sofre constantemente um processo de transformação. Por isto, captamos melhor a realidade como dado quando negamos a representação do dado do que quando queremos fazer a representação positiva da realidade.

Mas há uma dialética positiva, que consiste na construção positiva do conceito universal. Mas esta tarefa positiva é interpretada por Hegel como o segundo processo do conhecimento dialético. Não se trata, porém, da negação formal, mas sempre da negação dialética. Se estivéssemos no plano da negação lógica, então teríamos apenas de excluir um conceito de outros conceitos. Porém, diante da visão dialética, não há tal exclusão, porque o aspecto da realidade que deveria ser excluído na negação está na verdade negado ao sujeito, e só alcançamos a verdadeira representação do real quando o tomamos na sua correlação negativa e fazemos do aspecto positivo a síntese, o todo das correlações negativas que êle contém. Na negação formal há uma exclusão. Na negação dialética há uma inclusão. A negação dialética não procede por exclusão, porque ela sabe que ao negar uma qualidade de um sujeito ela está de algum modo relacionando essa qualidade ao sujeito, porque o sujeito precisa negar essa qualidade para ser o que êle é. Portanto, num mundo dialético a negação é a relação fundamental. É aquela relação pela qual se constitui a possibilidade da afirmação. A afirmação resulta de uma síntese de aspecto negativo. Então, o caráter positivo da dialética é na verdade posterior ao seu caráter negativo.

Essa negação resulta de que o princípio da existência não é, como julga a lógica tradicional, o de identidade, e sim o de contradição.

A contradição, vista pela lógica tradicional, é na verdade um signo de incompatibilidade no nosso pensamento. A contradição deve portanto ser renelida. Porque a contradição é a negação da identidade. No pensamento dialético, porém, é exatamente o oposto. Desde o momento em que a verdade lógica é um reflexo da realidade objetiva, então o processo da realidade é que comanda os princípios lógicos. Então, não há princípio lógico abstrato, ideal. Há princípios lógicos correlatos à realidade da qual êles são os princípios. E se esta realidade, sendo móvel, inclui a contradição, então o princípio supremo do pensamento é aquêle que inclui a contradição. Portanto, o princípio de contradição, aquêle que afirma que a mesma coisa é e não é ao mesmo tempo, é uma razão última para a interpretação do processo objetivo.

Hegel sabia que estava subvertendo toda a construção lógica tradicional. Apenas a contradição de Hegel não é a contradição formal. Esta é uma contradição de fato sempre rejeitável. Mas Hegel fala da contradição real. Esta é, ao contrário, princípio de toda existência. Vimos que a contradição existe na realidade porque o processo da realidade é uma aproximação indefinida da essência das coisas a suas condições de existência. Na sua linguagem idealista, Hegel nos diz que a essência dos objetos não coincide, na riqueza de suas ~~significações~~ significações, com as condições como os objetos existem. Assim, não há uma coincidência da essência com a existência. Isto é, o objeto ainda não encontrou a sua verdade. Numa fase do processo a ~~essência~~ essência está à espera de sua realização. Portanto, contém possibilidades que ainda não estão realizadas. A contradição fundamental da existência é, portanto, a não coincidência do ser com o pensamento. Assim, a consciência está sempre tendendo a realizar no mundo os seus próprios conteúdos conceituais. Assim, a verdade é alcançada num ponto indefinido, quando a consciência tiver realizado os seus conteúdos ideais.

A concepção aristotélica supõe que a forma está realizada no objeto. Mas para Hegel é o oposto. A coisa é que é imperfeita na sua existência. A coisa incorpora a essência apenas em condição de sua verdade aproximada. Portanto, a verdade fica na dependência do processo geral da realidade, que consiste no progressivo incremento da verdade das coisas mediante a progressiva incorporação da essência à existência. Assim vemos como no pensamento de Hegel está contido o princípio da verdade como um processo, portanto, da lógica como um evolução do pensamento, e não como uma aquisição de um dado formado. O conceito é, portanto, num momento dado, a aquisição da essência da coisa pela consciência. (Na Lógica, supomos que a realidade tem uma existência independente do nosso pensamento. Na Lógica, estamos apreciando a geração, não do objeto ou da coisa, mas do conceito da coisa.) Assim, vemos que o conceito é necessariamente histórico. E é histórico no sentido absoluto. Hegel refuta, de ante-mão, certa interpretação chamada historicista que deturpa a posição hegeliana. Para Hegel, o conceito é histórico duplamente: não só porque ele surge na consciência num dado momento do tempo e tem como condicionante outro conceito que o precede (e portanto supõe a história anterior ao momento em que ele surge), mas também porque o seu conteúdo mesmo está submetido a esta evolução. Isto é, a realidade de que ele é conceito não está já formada, e sim que se constitui na história. Por exemplo, o conceito de homem é correlato da realidade do homem ao longo do tempo, e portanto não havia uma essência humana intemporal, existindo à parte, da qual se constrói o conceito de homem, e sim que esta representação, quando é feita, constitui a realidade do homem nesta condição em que o homem se encontra. Assim, não é a evolução cultural de que se trata, porque esta concepção historicista supõe que não é o dado que é histórico, mas só a contingência da aquisição de seu conhecimento. Esta concepção supõe que o papel histórico é só da consciência. Mas o que Hegel quer é "historizar" o próprio dado. Assim, não havia o objeto enquanto não se realizaram as condições do objeto. A forma clássica do historicismo fica apenas no aspecto cultural da historicidade do conhecimento.

A Ciência da Lógica (continuação) —

O aspecto positivo da dialética consiste simplesmente em demonstrar de que maneira o pensamento organiza a ~~sucessão~~ sucessão dos conceitos universais pelos quais êle toma compreensão da realidade. Portanto, o que caracteriza a dialética positiva é a produção do conceito. No seu aspecto negativo, é a descoberta, de que tanto a realidade quanto o pensamento são regidos pela lei fundamental da contradição. Mas essa característica apenas negativa não chegaria à questão da lógica, porque ela é apenas o motor da questão lógica.

Já vimos que o conceito é interpretado por Hegel como uma realidade concreta. Isto é, o conceito se distingue como concreto porque êle explica a relação de exclusão com o ser outro, que é o aspecto negativo do conceito. Assim, a parte positiva da dialética é a aquisição dos conceitos lógicos. É claro que só se procuram as categorias, isto é, os conceitos mais ~~simples~~ gerais, porque os conceitos particulares são do âmbito das ciências empíricas. As categorias devem ser para a interpretação da realidade. A lógica, então, para Hegel, tem um sentido completamente diferente do que tem na concepção tradicional. Porque, na lógica aristotélica, a parte consagrada às categorias vinha depois ~~do estudo~~ do estudo da parte formal do pensamento. Isto é, era necessário primeiro compreender os modos do pensamento, ou seja, toda a teoria formal do pensamento; e para isso bastava a simbolização do pensamento mediante letras do alfabeto, como fêz Aristóteles. (Primeiros e Segundos Analíticos). De maneira que as operações eram estudadas em abstrato. E só depois de se construir toda a lógica formal é que se passava à teoria da abstração e à formação das categorias; o que constituía a lógica material. Primeiro se estudava a lógica formal para depois se chegar à lógica material.

Ora, é contra exatamente esta concepção da lógica que se desenvolve o pensamento de Hegel. ~~Para Hegel, a teoria das categorias precede à teoria lógica formal.~~ Para Hegel, a teoria das categorias precede à teoria lógica formal. Porque, segundo Hegel, não seria possível construir formalmente o raciocínio como conhecimento útil sem definir o caráter concreto dos conceitos que se tomam nesse raciocínio. Um estudo meramente formal, meramente algébrico não teria sentido para Hegel. Seria ignorar o conteúdo do pensamento e, portanto, não pensar. Assim, vimos que a lógica de Hegel postula a primazia ^{primazia} ~~previsão~~ do conteúdo do pensamento sobre a forma e extrai a forma do conteúdo, mas é preciso primeiro conhecer êsse conteúdo. É daí que se origina a divergência, que vamos encontrar hoje especialmente no marxismo atual, do debate entre lógica formal e ~~lógica~~ lógica dialética. Com Aristóteles, a lógica começava com uma teoria meramente formal, algébrica, do pensamento. Depois é que se passava para a consideração dos conteúdos. Mas, para Hegel, o raciocínio é influido pelo conteúdo dos conceitos considerados.

Livro: KLAUS, "Logik" (marxista ~~alemão~~ alemão), maio de 1959. Tentativa de harmonizar a lógica matemática e a aristotélica com a dialética.

SEGAL ("O método dialético em ~~XXI~~ biologia") mostra as impropriedades do procedimento meramente formal, assinalando que uma implicação não pode ser considerada da forma do conteúdo dos termos que entram nessa implicação.

Os marxistas atuais estão mostrando que há uma série de suposições que não foram analisadas devidamente. É, por exemplo, a lógica dos imóveis e dos quase-imóveis; as implicações lógico-formais de uma não são válidas para a outra. ~~Outro~~ Outro exemplo é a distância entre 3 pontos numa superfície esférica.

As categorias lógicas não podem ser conhecidas depois das operações, mas precisam ser conhecidas antes para justamente procederem ao descobrimento das formas válidas de raciocínio. Foi isto o que Hegel viu.

A situação presente, a esse respeito, é muito interessante. Porque, de um lado, há uma tendência própria à lógica dialética de defender o mesmo ponto de vista de Hegel, isto é, de que o conteúdo influi sobre a forma; e a distinção entre a lógica formal e a dialética consiste em que a verdade está na lógica dialética. ~~XXXXXX~~ ~~XXXX~~ (Assim é que a maioria dos lógicos dialéticos repudiaram a lógica formal). Ao mesmo tempo, a lógica matemática foi avançando. Assim é que, atualmente, há 3 lógicas, ou pelo menos 3 direções da lógica em confronto e em disputa: a lógica tradicional, aristotélica; a lógica matemática, desenvolvida pelo cultivo da investigação e a crítica dos fundamentos da matemática. No século 19, viu-se que a matemática estava desenvolvendo certas teorias, principalmente sobre os números transfinitos, que não podiam tornar-se lógicas pela lógica formal; isto é, o silogismo não se mostra válido nesses casos (e Aristóteles previu isso quando repudiou de sua lógica o infinito). Os matemáticos superaram a dificuldade alargando o conceito de operação de números. Portanto, havia essa crise de fundamento na matemática que levou os matemáticos a fazer uma nova lógica. Esta lógica ficou em oposição à lógica tradicional. — E no terreno dialético surge outra lógica. A lógica dialética é oposta às duas outras.

Hoje, há uma tendência no próprio pensamento dialético a aceitar a validade da lógica formal matemática. Porque, na verdade, das duas lógicas formais (aristotélica e matemática), a lógica matemática é a que mais se identifica com a dialética. O problema da lógica dialética, atualmente, é tornar-se compatível com essas duas lógicas, porque, embora não se possa simbolizar a lógica dialética, é possível entretanto compreender, mediante o próprio pensamento dialético, os casos em que têm validade a lógica tradicional e a lógica matemática.

A posição de Hegel é clara: é a de procurar as categorias do pensamento para pensar corretamente e, assim, descobrir os raciocínios corretos da lógica formal.

A primeira categoria, segundo Hegel, é a categoria do SER. Isto é, a idéia fundamental, categorial, do ser (SEIN) como a mais fundamental das categorias. Isto é, o ser é a idéia pela qual nós estabelecemos de início a própria realidade. Portanto, qualquer realidade supõe, na sua compreensão, a idéia do ser. — Porém, quando pretendemos investigar com mais cuidado o que é esse ser, entramos imediatamente em dificuldade. Porque, à primeira vista, o ser é a idéia mais rica, mais ampla. É a idéia que, exatamente, abrange tudo. Porque tudo é, tudo tem ser. A

to de qualidade está contido no da medida, mas, inversamente, o conceito de medida está contido já na categoria de qualidade. Assim, as categorias não são apenas uma sucessão, mas formam um processo. No processo, cada uma das categorias tem a sua oposta, e a síntese dela mesma com outra. E ela está contida na síntese, não por uma relação externa, e sim por uma relação interna, dialética. Quando penso a qualidade, tenho de pensar também que ela é limitada por uma quantidade, e que a quantidade da qualidade é a medida.)

O ^{aspecto} ~~XXXXXXXX~~ positivo da dialética é, portanto, a produção das categorias antes da lógica formal, para tornar possível a compreensão da realidade em caráter concreto.

Diz Hegel: Esta unidade do ser e do nada, construindo a primeira verdade, é, uma vez por todas, a base e o elemento de tudo o que se segue. Portanto, em todos os conceitos filosóficos encontramos essa unidade entre o ser e o não-ser, ou seja, a contradição.

Assim, essa unidade entre o ser e o nada não está apenas no devenir, mas também em todas as categorias filosóficas e também em todos os outros conceitos.

//////////XXXXXXXX//////////XXXXXXXXXXXXXXXX//////////XXXXXXXXXXXXXXXX//////////

A concepção da História, segundo Hegel:

Num pensador como Hegel, essa parte da filosofia — a filosofia da História — é essencial. Em outros pensadores, encontramos referências. Mas podemos dizer que a História, na obra de tais pensadores, ocupa um lugar derivado e, portanto, um lugar menos significativo. Ao contrário, no pensamento de Hegel, a concepção da História é a coluna ~~XXXXX~~ vertebral da sua concepção, e por isso é preciso complementar a teoria da Fenomenologia e da Lógica com a teoria da História. ~~XX~~ É preciso, portanto, que se compreenda a Filosofia da História como um parte essencial para a complementação do pensamento de Hegel.

Hegel dá as linhas mais fundamentais da sua interpretação da História (porque a concepção da História está em tôdas as obras de Hegel) nas suas "Lições da Filosofia da História", que corresponde àquelas lições nas quais êle exprime, de uma maneira completa, a sua compreensão da evolução da história humana. a Introdução é que é essencial nesta obra.

Que é a filosofia da história para Hegel? Vimos que os conceitos da razão não formam apenas um sistema, isto é, uma mera articulação no sentido platônico, de puras relações externas, e sim que formam uma evolução, isto é, um desenvolvimento lógico no qual cada um deles ~~XX~~ faz surgir o ~~XXXXXXXX~~ outro. A dialética platônica é meramente uma dialética da correlação externa e por isso é ainda uma dialética de classificação. Enquanto que, para Hegel, a dialética afeta a idéia mesma. A forma concreta de realização da idéia é a que Hegel encontra realizada na história. Hegel mostra que a idéia se exterioriza duplamente: |) no espaço, como natureza; |) no tempo, como história. E assim cada conceito expõe o conceito seguinte. O conceito expõe a sua ~~XXXXX~~ consequência. Porém, essa exposição, nós a podemos entender na pura determinação lógica (é o que a "Ciência da Lógica" fez) e podemos entendê-la realizada no tempo, no espírito e, portanto, na história. Assim, estamos vendo que, para Hegel, a história constitui uma condição necessária do processo dialético. Não uma forma accidental de existência, mas a condição necessária da própria exposição dialética.

Diz Hegel: A história universal, nós o sabemos, é, de uma ~~XXX~~ maneira geral, a exteriorização do espírito no tempo, como a idéia, enquanto natureza, se exterioriza no espaço. (É em tôrno dessa noção de Hegel que MARX chega à sua teoria da alienação.)

NOTA: // Sichtlichkeit = moral (no sentido de instituições respeitadas, valores cultuados, etc.: Estado, família, igreja, etc.)
// Moralität = teoria do valor em tal (a nossa Ética)

~~XXXX~~ A alienação moral (no sentido de Sichtlichkeit) se faz na história, segundo Hegel. A alienação material, se faz na natureza.

Hegel começa sua obra fazendo uma teoria da historiografia. Nela, Hegel mostra que a história participa de uma situação única, em relação com o mundo dos conceitos. É que, ao contrário de todas as outras ciências, ela é história de si mesma. Porque todas as outras ciências estão na história. Quando um historiador escreve uma certa história, ele entra para a história, para a historiografia. Uma coisa é a história feita (Geschichten), outra coisa é a história como historiografia, isto é, uma história como fato para a outra história que é a historiografia (History). E essa sucessão é indefinida, porque pode haver uma história da historiografia, e assim em diante. Isto porque a história não se equipara às demais ciências. O seu material é ele mesmo histórico. Isto é o que se chama a auto-implicação da história. O historiador é condicionado pela própria história. E um historiador posterior terá de ver diferentemente o mesmo fato de que falou o primeiro historiador. Porque a história inclui ~~XX~~ necessariamente, como dado do fato, o espírito que o historiador tem. Assim, o espírito do historiador é um ingrediente do fato histórico. O espírito do historiador é parte do fato histórico, que não existe sem esse espírito, porque se nenhum historiador tivesse escrito o fato, o fato não existiria. (O que se chama a Pré-história não é a ausência de história, mas a ausência de história reconstituída, porque se encontram apenas vestígios dessa parte ^{da "história"} ~~reconstituída~~. Não há a consciência desse fato em documentos, ou seja, como história.)

Assim, a primeira tese de Hegel é a de que, no domínio da história, a consciência como historiador é parte do fato. Ou: não há na história fato bruto. Todo fato supõe um sentido, e esse sentido lhe vem da maneira como a consciência que o observa em primeira mão, ou que o julga em segunda mão, o representa em relação ao todo. Portanto, o que realmente dá sentido ao fato (e não há fato sem sentido, porque o fato sem sentido é natural, e não histórico) é a relação que uma determinada consciência que a ele assiste estabelece entre ele e o todo das percepções dessa ~~XX~~ consciência. E a consciência que transmuta o fato físico em histórico é essencial para a realidade histórica do fato. A consciência apreende o fato e o torna histórico, e o fato só se torna histórico pela apreensão que dele faz uma consciência. Essa consciência que apreende o fato ~~XX~~ faz a história original, segundo Hegel. O historiador posterior tem de exercer a história refletida, isto é, a história feita sobre a história antiga. É a análise do fato como fato, comparando documentos, etc.

A história filosófica — Hegel vai mostrar que a história filosófica é realmente matéria exclusiva da filosofia. Isto é, os fatos que os historiadores nos vão oferecendo necessitam de serem unificados numa perspectiva que ofereça a explicação deles. Essa perspectiva não pode ser feita por aqueles que assistem ao fato, porque estes o vêem apenas pela consciência de quem é participante. Mas também não pelo segundo tipo de historiador, que não encadeia os fatos.

Hegel distingue: a história filosófica ^{XXXXXX} a priori — é a história ~~que~~ feita pelos filósofos que trazem preconceitos para interpretar ~~os~~ os fatos. Diz Hegel que a filosofia só pode afirmar uma coisa a priori sobre a história: é essa simples verdade da razão que consiste em dizer que a razão governa o mundo e que, portanto, a história é racional. Essa afirmação é a condição para que o historiador seja historiador filosófico. Mas isso, para Hegel, não é um esquema abstrato. Por isto é que ele pode ir contra os filósofos do a priori. Assim, segundo Hegel, a história

filosófica deve afirmar a racionalidade essencial da história. Hegel considera necessário que a história tenha uma base empírica. A história vai revelar, de fato, leis, mas essas leis nós as encontramos por meio de uma percepção empírica, que apenas vem confirmar uma filosofia anterior, que é a filosofia já exposta na "Lógica" e na "Fenomenologia", mas que não é imposta aos fatos, e sim que encontra sua confirmação nos fatos.

Se a razão governa a história, há leis na história. Mas essas leis têm de ser induzidas dos fatos. Ao examinarmos a racionalidade dos fatos é que vamos ter as leis da história. Assim, Hegel rejeita as posições de aprioridade imaginativa e da pretensa imparcialidade empirista.

////////////////XXXXXXXXXXXXX////////////////XXXXXXXXXXXXX////////////////

XVI a XVII

HEGEL (XVI)

A concepção da história, segundo Hegel (continuação):

Quando Hegel nos diz que a história é determinada enquanto processo, também nos diz que o determinante desse processo é a liberdade. Essa é a antinomia fundamental no conceito que Hegel tem da história. É um processo necessário de incremento da liberdade. Como é possível que a liberdade seja determinante do processo histórico? Na verdade, isso não é contraditório, porque para Hegel a liberdade de que se trata é a liberdade da consciência, ou melhor, é a consciência da liberdade. Assim se compreende de que forma Hegel concebe a história, sempre progressiva em seu curso e ao mesmo tempo sinuosa. Ela pode regredir em alguns momentos, mas na totalidade não regride nunca. Portanto, o verdadeiro motor da história, segundo Hegel, é a clarificação da idéia da liberdade. Não a aquisição das formas concretas de liberdade. Contudo, Hegel mostra com clareza que a sua concepção da liberdade não é tão abstrata como poderia parecer. Diz Hegel, em outra parte, que sua liberdade é concreta. A liberdade não surgiria se não aparecesse realizada concretamente. A consciência da liberdade não teria os seus diferentes graus de liberdade se não houvesse, para cada um deles, o domínio efetivo da natureza pelo qual essa consciência adquire a idéia da liberdade que é possível num dado momento. Assim, para Hegel, a liberdade se constitui como idéia quando o espírito domina a natureza. Se o espírito não domina a natureza, não adquire a liberdade.

Diz Hegel: A história universal é o progresso necessário na consciência da liberdade. Segundo Hegel, é possível dividir a história universal em três grandes momentos: oriental, greco-romano e germânico. O oriental sabia e sabe que só um indivíduo era livre. O greco-romano, que alguns são livres. O germânico, que todos são livres. Despotismo, democracia e aristocracia, monarquia. No despotismo, só um homem tem a consciência da liberdade. (Para Hegel, democracia era a democracia ateniense, onde havia apenas alguns homens livres e onde muitos homens não eram livres, mas escravos). É preciso chegar ao mundo cristão, ao mundo germânico como diz Hegel, para que todos os homens sejam livres. No mundo germânico, todos os homens já são capazes de ter o conceito da liberdade. Por isso é que nenhum homem, hoje, se deixa privar da liberdade.

Hegel diz que o que caracteriza a África negra, o mundo negro, é a privação total da liberdade. A tal ponto que o indivíduo concebe a possibilidade de vender os seus semelhantes. Eles não encontram nenhuma culpa em escravizar os negros. Para eles, a pessoa humana não tem nenhum sentido de liberdade e assim a venda do indivíduo pode existir, porque não houve a exigência da liberdade. Assim é que o mundo africano está fora da história, porque os negros não têm o conceito da liberdade. Assim, quando os europeus capturaram negros, fizeram um benefício aos africanos.

ag. 104

71

O Sujeito da História — Falamos até aqui da história como um processo. Mas, quem é o sujeito dêsse processo? Que é que dá unidade a êsse processo? Hegel diz que é o espírito universal. Portanto, o espírito universal é para Hegel o sujeito da história.

O espírito universal se particulariza nos espíritos nacionais. Aqui surgem dois problemas: 1) O da relação entre o espírito nacional e o espírito universal; 2) O da relação entre o indivíduo e o espírito nacional.

////////////////XXXXXXXXXXXX////////////////XXXXXXXXXXXX////////////////

A concepção da história, segundo Hegel (continuação):

A razão sempre encontra meios de realizar os seus fins, por mais adversos que sejam os acontecimentos e as circunstâncias. Essa é a astúcia da razão, segundo Hegel. Não se percebe o fim que a razão persegue na perspectiva imediata do acontecimento, porque só na perspectiva geral da história é que se vê esse fim. Esta concepção leva Hegel a responder, como vimos, à questão de quem é o sujeito da história dizendo que é o espírito universal. Este é que realmente constitui a força motora da história, a força que impele os acontecimentos e que tem por lei própria a contradição dialética. No plano da história, portanto, segundo Hegel, o espírito universal é a concretização dessa contradição permanente que já vimos. A atividade, que no plano do conceito se exprime pela contradição, no plano da história se exprime pelo tempo. Isto é, o tempo ou a temporalidade é a forma como, no plano da história, se concretiza a contradição essencial da realidade. Assim, o que é negatividade na ordem dos conceitos, que faz com que um conceito negue o outro, exigindo uma negação da negação para a síntese superior, no plano histórico é a temporalidade. Isto é, todo o acontecimento, processando-se no tempo, cria a condição para a sua própria destruição. O acontecimento é efêmero porque se processa no tempo. O tempo é a lei da contradição histórica. É o tempo que se encarrega de eliminar a vigência das coisas e de substituí-las por outras. Assim, o conceito de tempo histórico, em Hegel, é um conceito metafísico. Não é um tempo cronológico, mas sim a própria presença da negatividade na essência dos acontecimentos. Portanto, o tempo está na essência dos acontecimentos, como a negatividade está na essência da realidade e a negação está na essência dos conceitos. A lei, na verdade, é uma só: a lei dialética da negação da negação, da ~~supressão~~ supressão conservadora. O acontecimento de um certo momento é a superação dialética de uma situação contraditória anteriormente existente. O tempo funciona como supressão interna do acontecimento e a substituição dele por outro que o sintetize com o seu contrário. Não é a história que se desenrola no tempo, mas é o tempo que se desenrola na história.

Porém, um problema se põe imediatamente: de que forma a liberdade individual desempenha o seu papel no curso da história? Já dissemos que a história é o progresso na consciência da liberdade. Portanto, esse curso histórico não é indeterminado. Ele tende constantemente para a realização de um estado de maior liberdade. Esta lei é do espírito universal. Quem se liberta é o espírito universal. Então, que representa a liberdade individual? A questão, realmente, é dupla. Trata-se de saber, primeiro, o papel do indivíduo comum na história, daquele que, de certo modo, sofre a história. Trata-se, em segundo lugar, de saber o papel do homem excepcional na história. (homem comum = anônimo; homem excepcional = epônimo). Hegel mostra que a liberdade do indivíduo comum é realizada através da liberdade que goza a comunidade a que ele pertence. E é nesta comunidade que o grande homem desempenha a sua ~~função~~ função específica. Assim, de certo modo o grande homem tem a função de realizar a liberdade nesta comunidade, liberdade de que os outros homens vão participar. Por exemplo, os projetos de Cesar só foram realizados por-

93

que estavam em consonância com o espírito universal. Assim, o grande homem não é inteiramente passivo. O regime ^{que}, em Roma, tinha já realizado todas as possibilidades inerentes àquela situação histórica. Assim, ele estava sendo negado interiormente por sua própria existência, e seria substituído por uma outra situação que seria a Roma imperial. O fato de que fosse Cesar que tenha realizado esta substituição é acidental. Porque se Cesar tivesse nascido em outro momento, ele não teria realizado esta substituição, porque não haveria condições históricas para isso. Assim o espírito universal não se valeu de Cesar mecânicamente, e sim que o espírito ofereceu oportunidade para a iniciativa de um homem. E poderia ser outro homem e não Cesar, o que não faria mudar o curso da história. Assim fica resolvida a questão de como a liberdade individual concorda com a liberdade do espírito universal. Assim a liberdade do espírito universal põe as condições necessárias para um certo acontecimento, e a liberdade individual consiste em dar ao indivíduo a possibilidade de apreender as finalidades do espírito em um dado momento. É pela liberdade que o indivíduo se apropria dos fins do espírito universal.

O grande homem realiza a história e realizando-a esse homem realiza para os outros homens, que não puderam apreender os fins do espírito, o incremento da liberdade.

Esta segunda questão leva Hegel a examinar um outro problema, que é talvez o mais importante: o problema do espírito nacional. (Weltgeist = espírito nacional). O espírito universal se realiza em uma multiplicidade de ~~espíritos~~ espíritos nacionais, espíritos de povos diferentes (Volkgeistes). Assim, podemos analisar o curso do espírito universal, ou a história de um XX povo particular, que é a história do espírito particular desse povo. Esta é a intenção geral de toda a ~~concepção~~ concepção de Negel: a razão não se realiza na história como uma entidade única e abstrata, mas segundo a maneira como cada povo realiza a sua façanha histórica. Cada povo realiza uma parte do projeto universal do espírito.

em um povo

Diz Hegel: É a totalidade temporal que constitui o ser, o espírito de um único povo. Os indivíduos lhe pertencem. Cada indivíduo é filho de seu tempo. E na medida em que o seu estado está em marcha, ele é filho da sua época. Não está em alçada sobre o seu tempo, assim como também não o ultrapassa. Essa mentalidade é a sua e ele a representa.

→

Assim, o espírito nacional é uma totalidade. Esta idéia vai ser bem desenvolvida na "Introdução à História da Filosofia", onde Hegel mostra que a manifestação histórica da filosofia não existe à parte do resto da cultura, mas sim que forma com ela uma totalidade. Agora sabemos que essa totalidade não é apenas a de uma época, mas sim a unidade de um só espírito. É verdade que esse espírito está no tempo, mas é um espírito que é distinto de todos os outros espíritos nacionais. Cada povo se situa em um grau histórico de desenvolvimento dentro da perspectiva da história universal. Nenhum desses graus é definitivo, mas considerando um povo à parte, devemos interpretar diante desse povo a totalidade das suas manifestações em função de uma unidade própria que é o espírito do povo.

Handwritten marks and arrows on the left margin.

Uma consequência dessa concepção é que, uma vez que tenhamos apreendido o sentido íntimo do espírito, estão compreendidos todos os fatos que se seguem. As

consciência dechirée (dilacerada), porque ela é consciência daquele objeto, mas para poder identificar-se com o objeto seria preciso que Ele estivesse completamente integrado nela. Mas ela, enquanto alienada, vê o objeto como fora dela. O importante dessa concepção é que o próprio Hegel encaminhou a solução da alienação para um terreno religioso. Ele considera que a superação dessa infelicidade se faz quando o indivíduo se incorpora à consciência divina que, como consciência total, é inteiramente possuidora do objeto. A origem metafísica da infelicidade é portanto que a consciência está separada de si mesma.

Hoje em dia, esse problema retorna frequentemente em certas tendências que se chamam revisionistas do pensamento marxista. Os revisionistas querem dar uma tonalidade ética ao marxismo. Esses pensadores pretendem apoiar as suas concepções na obra da mocidade de MARX. Os aspectos econômicos, ontológicos, históricos, seriam secundários ao verdadeiro problema, que seria o problema ético. A superação da alienação seria a humanização do homem. É portanto um ponto de vista ético. Realmente, está até certo ponto justificado. Esse tema ocupa um lugar importante, e só foi deixado em segundo plano por causa da predominância aos aspectos ligados ao materialismo dialético e ao materialismo histórico.

Lógica+

Hegel pretende mostrar que não há categorias, e portanto idéias gerais, sem constituírem(?) o universal concreto que é o ser. Não há um setor à parte desse processo do desenvolvimento. O ser se revela no conhecimento. O que é é o que eu sei que é. O saber é o ser. Portanto, a identidade entre o ser e pensar é o que determina que a lógica só possa ser válida como teoria do ser, ou seja, dialética.

NOTA: A falta do conceito de classe vazia torna ilegítimos 4 modos (dos 19) dos silogismos aristotélicos. Os 19 são válidos para as classes de elementos (silogística). — O processo lógico clássico exige a reflexão, o que é uma incoerência na lógica aristotélica, que é simbólica, usa de letras.

O que constitui a lógica dialética é a transposição do problema para o plano do conteúdo de verdade, e não apenas da forma. (Na lógica formal, eu apenas comento a verdade do resultado supondo conhecidas as verdades formais das proposições componentes. Aqui começa a discussão. Uns acreditam que só há uma lógica: ou a formal ou a dialética. (E para estes últimos não há lógica formal, que consideram como um resíduo do pensamento idealista clássico. Esta posição predominou na Rússia até pouco tempo). Uma terceira corrente é aquela que acha que há as duas lógicas, mas que são completamente diferentes. São legítimas, mas não têm nada de comum. Esta posição é representada com grande força, na Rússia, pela Escola de Leningrado. A quarta corrente, que é representada pelo pensamento da Universidade de Moscou, acha que não pode haver duas lógicas válidas e procuram definir a legitimidade das duas lógicas. Não há concordância entre os autores dessas posições.

PLEKHANOV acreditava que a lógica formal seria um caso particular da dialética, o caso em que a perspectiva segundo a qual se considera o objeto é limitada.

O problema é a contradição. A lógica formal é da não-contradição, e a dialética é da contradição.

